

IBAMA - UFRRJ

PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA



BOLETIM N.11 - 2003

Fábio José Martins de Lima

Tradição e modernidade no percurso do arquiteto
Ângelo Murgel: Parque Nacional do Itatiaia e
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
dois projetos urbanísticos

ISSN – 1677-6569

IBAMA - UFRRJ

**BOLETIM
DO PARQUE NACIONAL
DO ITATIAIA**

**N. 11
2003**

Fábio José Martins de Lima

**Tradição e modernidade no percurso
do arquiteto Ângelo Murgel:
Parque Nacional do Itatiaia e
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
dois projetos urbanísticos.**

Ficha catalográfica

Boletim do Parque Nacional do Itatiaia. n.1, 1948 – Itatiaia, RJ: Parque Nacional do Itatiaia: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, n. 11, 2003-

11. 23 cm

Anual

Interrompida em 1965 e 1999

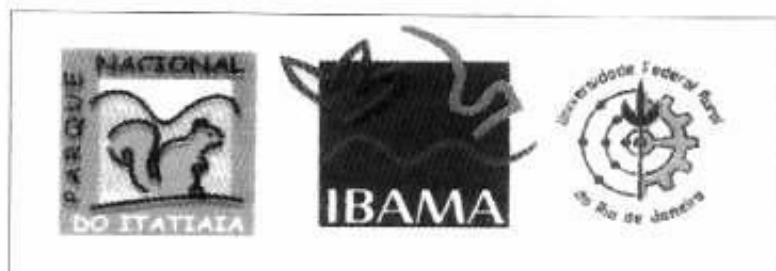
ISSN = 1677-6569

1. Meio Ambiente – periódicos brasileiros.

I- Parque Nacional do Itatiaia – RJ II- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Solicita-se permuta
On demande l' échange
Pidese canje
We ask for exchange
Desideramus permutationem
Man bittet un austausch

PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO



PRESIDENTE DO IBAMA

Marcus Luiz Barroso Barros

REITOR DA UFRRJ

José Antônio de Souza Veiga

DIRETORA DA DIREC

Cecília Foloni Ferraz

GERENTE EXECUTIVO DO IBAMA

Edson Bedin de Azevedo

CHEFE DO PARNA/ITATIAIA/RJ

Leo Nascimento

EDITOR

Maria Helena Sleutjes – UFRRJ

CONSELHO EDITORIAL

Augusto João Piratelli – Doutor em Zoologia – UFRRJ

Kátia Torres Ribeiro – Doutora em Ecologia – IBAMA

*Luiz Sérgio Sarahyba – Mestre em Ciências Biológicas e doutorando em
botânica – IBAMA*

BOLETIM DO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA – RJ

ISSN = 1677-6569

PERIODICIDADE: ANUAL

Esta publicação teve início em 1948 e foi interrompida em 1965 e 1999,
reiniciando com o n. 10 de 2002, em co-edição com a UFRRJ.

CONSULTORES ASSOCIADOS

1. Dra. Fátima Conceição M. Pina Rodrigues
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

2. Dr. Gustavo Martinelli
Jardim Botânico/RJ

3. Dra. Jaqueline de Lima Pires
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

4. Dra. Regina Célia Lopes Araújo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

5. Dr. Rubens Pinto de Mello –
FIOCRUZ

6. Dr. Ruy José Válka Alves
Museu Nacional – UFRJ

Diagramação e Arte final
Ivan de Oliveira

Distribuição dirigida pela Biblioteca do PARNA/ITATIAIA/RJ

Endereço para correspondência:

Centro de Visitantes Wanderbilt Duarte de Barros – Biblioteca Parque
Nacional do Itatiaia – RJ, Caixa Postal 83 657,
Itatiaia – RJ, CEP 27 580 000
Fone: (24) 3352-1461, Fax: (24) 3352-1652
e-mail: pnitatiaia@resenet.com.br

APRESENTAÇÃO

Este número do Boletim do Parque Nacional do Itatiaia/RJ desviou-se da tradição na publicação de trabalhos na área de Ciências Biológicas e foi buscar na área de ciências aplicadas, especificamente na arquitetura, um estudo que traz à luz as noções de beleza, tempo, espaço, originalidade, na preservação da memória de duas instituições que nasceram de um mesmo ideal.

Enfocando pela ótica arquitetônica, parte da história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Parque Nacional do Itatiaia, a pesquisa revela a importância dos projetos elaborados por Ângelo Murgel, este grande arquiteto que estabeleceu um diálogo quase perfeito entre a tradição e a modernidade, com concepções que extrapolam o âmbito regional e impressionam pela sensação de grandiosidade, harmonia e graça com que se destacam na paisagem de Seropédica e do Parque Nacional do Itatiaia.

Escolhido com muito critério pelo editor, o trabalho traz o inusitado da pesquisa exploratória, onde a busca de elementos é representada por um esforço gigantesco do autor em reunir e entender as partes dispersas das informações pertinentes a um tema ainda não explorado.

As questões relativas à preservação ambiental e à sustentabilidade da vida no planeta, devem ser consideradas de forma ampla, profunda e diversificada. O ser humano precisa conhecer e sentir melhor seu habitat, captando o espírito de cada lugar, e como diz o próprio autor: "a agenda de Murgel permanece em aberto na memória e na conservação do que foi idealizado por ele", e uma excelente parte do que ele idealizou está aqui, transcrita, para que não se perca.

José Antônio de Souza Veiga
Reitor da UFRRJ

PALAVRAS DO DIRETOR DO PARNA/ITATIAIA/RJ

A vitória da publicação de mais um número do Boletim do Parque Nacional do Itatiaia, desta vez ampliando seu leque de interesse para outras áreas de conhecimento, só nos faz ressaltar a importância desta Unidade de Conservação e querer trazer a público um pouco de sua história.

O Parque Nacional do Itatiaia foi o primeiro Parque Nacional do Brasil, criado em 14 de junho de 1937 por Getúlio Vargas.

Seus primeiros habitantes, indígenas do grupo Puri, chamavam de Itatiaia a região, que significa "pedra cheia de pontas".

Mesmo antes de sua criação, em 1822, o grande pesquisador e botânico francês Auguste de Saint Hilaire subiu as escarpas da Serra do Itatiaia, classificando centenas de espécies da sua flora, seguido pelos botânicos Ernesto Vale e Per Dunsen (1894-1903) aprimorando estudos que tornaram a flora da região conhecida.

Em 1840, o cientista alemão von Martius efetuou as pesquisas que deram origem a FLORA BRASILIENSIS e o botânico Augusto Glazione escalou o Pico das Agulhas Negras, acompanhado da Princesa Isabel.

Os botânicos brasileiros J. de Sampaio (1927), P. Porto (1914 a 1938), Firmino Tamandaré de Toledo Junior (1913), Brade (1913 a 1954) pesquisaram e publicaram seus trabalhos sobre a Flora do Itatiaia.

Finalmente, em 1937, a criação do Parque Nacional do Itatiaia, marca o início da história das Unidades de Conservação no país. Hoje são 300 unidades de conservação do IBAMA.

Conforme o professor Wanderbilt Duarte de Barros, "em todas as faces do maciço, a flora arbórea é composta de magníficas espécies, que têm, no seu conjunto, aspecto soberbo, pelo adensamento das espécimes, pelo verde de diversos tons de folhagens ou pelo multicolorido panorama das copas em flor".

A fauna, com suas dezenas de mamíferos, centenas de aves e milhares de insetos, torna a biodiversidade deste Parque um patrimônio nacional.

Na área do Parque Nacional do Itatiaia, com 30.000 hectares, se destacam os tucanos, saíras, guachos, trinca-ferros, saudades, maracanãs, tuins, bem-te-vis, sanhaços, jacus e sabiás, entoando uma sinfonia de cantos e cores, inseridos aos jequitibás, quaresmeiras, ipês, cedros e palmitos juçara, articulados com bromélias, musgos e orquídeas.

Bailando aparece o caxinguelê... e lá se vai o quati olhando os macacos do alto das trilhas que ligam as belezas naturais do Lago Azul, Piscina Maromba, Cachoeira Itaporani, Poronga, Véu de Noiva e o pôr-do-sol dos Três Picos.

O amanhecer no Maciço das Prateleiras com seus imponentes blocos de rocha – 2.548 metros de altitude – oferece uma bela vista do Vale do Paraíba e coloca o espectador no caminho do Pico das Agulhas Negras – 2.787 metros de altitude – onde poderá apreciar o majestoso Rio Campo Belo nascendo e recolhendo os outros 11 rios que formam a bacia hidrográfica do Parque.

A cultura do Parque Nacional encontra-se sintetizada nas poesias de Vinícius de Moraes (1933) e nas pinturas de Guignard (1940-1942), obras que podem ser apreciadas no Hotel Donati localizado no Parque.

O musical “VIVER DE SOM” do Núcleo de Educação Ambiental do nosso Parque, sempre que apresenta a música Borzeguim de Tom Jobim, parece estar descrevendo a nossa paisagem “ Borzeguim deixa as fraldas ao vento e vem dançar.../ Deixa o mato crescer em paz/Não quero fogo, quero água.../ Deixa o tatu bola no lugar/deixa a capivara atravessar/deixa a anta cruzar o ribeirão/deixa o índio vivo no sertão/ o jacu já ta velho na fruteira/o lagarto teiú ta na soleira...”

Considerado um dos ecossistemas de maior diversidade do planeta, é uma área natural com excepcionais atributos, destinada à perpetuação, para servir como fonte de estudo para que as gerações futuras possam usufruir de suas peculiaridades.

Nesta pesquisa que estamos publicando neste número 11 do Boletim, o autor ressalta que “os projetos desenvolvidos para a sede do Parque Nacional do Itatiaia, foram definidos a partir de um plano conjunto incluindo diversas instalações, para permitir o funcionamento do mesmo como centro de estudo, de educação e de entretenimento”. Hoje, seu principal objetivo é preservar os recursos naturais e culturais, no que se refere à fauna, flora, sítios arqueológicos e históricos, além de proporcionar oportunidades para visitação pública, lazer, promoção da educação ambiental e também para pesquisas.

A publicação deste Boletim só se tornou possível através do apoio recebido pelo Reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Professor José Antônio de Souza Veiga a quem somos muito agradecidos.

Leo Nascimento
Chefe do PARNA/ITATIAIA/RJ
Setembro de 2003

PALAVRAS DO EDITOR

A parceria entre o Parque Nacional do Itatiaia e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, permitiu a publicação de mais um número deste Boletim. No ano passado publicamos o trabalho da Dra. Kátia Torres Ribeiro sobre as plantas que crescem sobre rocha no planalto do Itatiaia, trabalho originário de sua tese de doutorado na UFRJ, e a receptividade foi excelente. Toda a tiragem se esgotou rapidamente e os pedidos para obtenção de exemplares ainda continuam chegando.

Neste número, temos também um trabalho de pesquisa, boa parte desenvolvida no Parque Nacional do Itatiaia e na UFRRJ. Trata-se de parte da tese de doutorado da USP, de autoria do Dr. Fábio José Martins de Lima, professor do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, especialmente adaptada para publicação neste Boletim.

Através do estudo realizado, podemos finalmente saber mais sobre o homem que projetou as edificações singulares existentes na UFRRJ e no Parque Nacional do Itatiaia/RJ, capazes de atrair a atenção de todos que visitam as duas instituições e encantar os olhares pela sobriedade e permanente sensação de bem estar, além da beleza das linhas que mesclam de forma muito harmoniosa o moderno e o tradicional, que nunca cansam nem envelhecem, mas que acabaram se tomando a marca registrada de uma época. Uma época de grandes brasileiros onde Murgel é, sem dúvida, um de seus grandes representantes.

Maria Helena Sleutjes
Editor

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO PERCURSO
DO ARQUITETO ÂNGELO MURGEL: PARQUE
NACIONAL DO ITATIAIA E UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, DOIS
PROJETOS URBANÍSTICOS *

Fabio Jose Martins de Lima **

* O estudo é parte da tese de doutorado, intitulada "*Por uma cidade moderna: Ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943)*", desenvolvida sob a orientação da Profª. Drª. Maria Cristina da Silva Leme, junto ao curso de pós-graduação da FAU/USP. O trabalho contou com a colaboração de Raquel von Randow Portes e Petrônio Foscarini, alunos do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da UFJF.

** Arquiteto pela EAUFMG, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia da UFJF; e-mail: fjmlima@arquitetura.ufjf.br; endereço: rua José Gasparetti, 400 - Vale do Ipê, Juiz de Fora/MG, CEP 36035-400

RESUMO

O estudo tem a finalidade de apresentar a trajetória do arquiteto Ângelo Murgel ressaltando a importância dos projetos elaborados para o Parque Nacional do Itatiaia/RJ e para o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Murgel diplomou-se pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), em 1931, tendo desenvolvido diversos projetos arquitetônicos e urbanísticos, em sintonia com o que de mais atual se fazia nos grandes centros urbanos. Pretende-se discutir a visão urbanística no percurso deste arquiteto através das propostas que desenvolveu. O objetivo deste trabalho é possibilitar a compreensão do processo de incorporação e elaboração de paradigmas, por parte do mesmo, considerando as especificidades de cada caso. Pretende-se também, com esta aproximação, compreender a pesquisa conceitual de Murgel no campo do urbanismo, em particular através dos planos para a Universidade Federal do Rio de Janeiro e para o Parque Nacional do Itatiaia.

ABSTRACT

The study intends to present the architect Angelo Murgel's trajectory particularly the urban planning proposals developed to the Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro and the Parque Nacional do Itatiaia/RJ. Murgel was graduated at Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), in 1931, and he developed many architectural and urban projects, tuned with the more actual that was being done in the greatest urban centers. We intend to discuss the urban planning vision in the course of this architect by the analysis of the proposals developed by him. The purpose of this study is to comprehend the incorporation and elaboration process of paradigms involved, Murgel placed where both occur. We intend too with this approach to comprehend the Murgel's conceptual research in urban planning, particularly by the plans to the Universidade Federal do Rio de Janeiro and the Parque Nacional do Itatiaia.

INTRODUÇÃO

O estudo tem a finalidade de apresentar a trajetória do arquiteto Ângelo Murgel, composta a partir da sua formação acadêmica e atuação profissional, com particular interesse pelos projetos desenvolvidos para o campus da Universidade Rural do Brasil, em 1938, posteriormente denominada Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, e para o Parque Nacional do Itatiaia/RJ - PNI, em 1939. Nesta abordagem enfatizou-se, inicialmente, os componentes da formação deste arquiteto, juntamente com o percurso relacionado com o ensino e a participação em eventos técnico-científicos. Em seguida, foram discutidos os planos e projetos elaborados, sobre os quais buscou-se o entendimento dos componentes projetuais configurados e dos indícios de referenciais teóricos utilizados. Pretende-se compreender os mecanismos de circulação de idéias, de difusão e de transferência de modelos, bem como a sua reinterpretação em contextos particulares, a partir do que foi proposto por este arquiteto e urbanista. Por meio destas análises procurou-se identificar os conceitos de “cidade” e as ressonâncias e apropriações relacionadas com o pensamento urbanístico e as práticas sobre as cidades.¹

¹ Empregou-se estes termos, ressonância e apropriação, evitando utilizar a palavra influência, no estudo dos referenciais teóricos relacionados com as propostas urbanísticas desenvolvidas por estes técnicos. O termo ressonância ao invés de influência, de acordo com Andrade, é empregado para “...nos referirmos aos modos de difusão e influência de idéias urbanísticas, de acordo com o seu significado no âmbito da acústica, isto é, fenômeno pelo qual um corpo sonoro vibra ao ser atingido pelas vibrações produzidas por outro corpo”. Por isso o autor vai buscar, com a sua incursão, as vibrações de matrizes teóricas que ressoam no pensamento do urbanismo no Brasil. Ver: ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. São Paulo: 1998, Tese de Doutorado – FAUUSP; nesta mesma via, o termo apropriação, empregado por Salgueiro, contrapõe-se ao “...emprego de categorias como ‘influência’, ‘reflexo’, ‘derivação’, consideradas ultrapassadas para a análise sobre a transferência de discursos e imagens reveladas no âmbito das cidades brasileiras”. Ver: SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

O enfoque do trabalho é voltado para a formação do pensamento e das práticas urbanísticas sobre as cidades brasileiras.² Os objetivos do estudo incidem sobre o papel de técnicos, como Murgel, através da compreensão das suas biografias e trajetórias de vida intimamente ligadas às idealizações e realizações sobre as cidades. Constata-se que muito do que foi discutido por estes personagens, a respeito dos problemas urbanos, permanece bastante atual, mesmo com a complexidade destes problemas ampliada e com as dificuldades que envolvem a própria conceituação da palavra “cidade” nos dias de hoje. Em outras palavras, o estudo decorre da necessidade do restabelecimento dos processos históricos que nos precederam com o sentido de um melhor posicionamento na atualidade.

O arquiteto Ângelo Alberto Murgel teve uma atuação intensa, tanto no meio acadêmico quanto no meio profissional. Desde a sua diplomação, desenvolveu diversas propostas, representadas por projetos arquitetônicos e planos urbanísticos, em sintonia com o que de mais atual se fazia nos grandes centros urbanos. Em 1937, Murgel foi contratado como servidor do Ministério da Agricultura, tendo desenvolvido inúmeros projetos, dentre os quais o do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e o da sede do Parque Nacional do Itatiaia. Murgel também atuou como professor, na Escola de Arquitetura da UMG, a partir de 1937, até os anos 50, na Escola Nacional de Belas Artes - ENBA.

Murgel desempenhou papel importante na constituição de um campo profissional específico relativo à arquitetura e ao urbanismo,

² Vários estudos têm sido apresentados nos seminários de História da Cidade e do Urbanismo, bem como nos congressos da ANPUR, envolvendo pesquisadores interessados por esta linha de pesquisa. Além disso, esta abordagem se configura como uma continuação de trabalhos anteriores, na perspectiva de uma investigação histórica dos fatos urbanos. Em 1994, a defesa da dissertação de mestrado intitulada “*Bello Horizonte: Um Passo de Modernidade*”, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), quando retratou-se a criação e a consolidação da cidade de Belo Horizonte como a nova capital do Estado de Minas Gerais, sob o ponto de vista do urbanismo. Já em 1995, foi importante o apoio técnico prestado no “*Subprojeto Belo Horizonte*”, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes (FAUFBA), projeto vinculado à pesquisa intitulada “*Levantamento Documental sobre Urbanismo e Planejamento Urbano no Brasil: 1900-1950*”, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Maria Cristina da Silva Leme (FAUUSP).

além de ter contribuído para a formação acadêmica de inúmeros profissionais. Os projetos e planos que elaborou são reveladores das possibilidades do diálogo entre a tradição e a modernidade na configuração dos ambientes urbanos. Estas propostas, em sua maioria materializadas, extrapolaram o âmbito regional, pela sua representação no cenário nacional, como constata-se nos planos para a Universidade Rural e para os Parques Nacionais. Apesar destas constatações, muito pouco foi escrito sobre o percurso deste profissional, tanto como arquiteto quanto como professor universitário. No entanto, as suas apostilas englobando temas específicos para as intervenções sobre as cidades, estas selecionadas de revistas especializadas, ainda permanecem disponíveis na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, onde lecionou por mais de vinte anos. Pretende-se também com este trabalho apreender a contribuição deste arquiteto e urbanista ampliando os horizontes historiográficos referentes à arquitetura e ao urbanismo no Brasil.

O projeto para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que remonta ao ano de 1938, estava vinculado ao planejamento do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas – CNEPA, para um terreno situado no quilômetro 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo, no município de Itaguaí/RJ. Já o projeto desenvolvido para a sede do Parque Nacional do Itatiaia foi definido através de um plano de conjunto que incluía uma série de instalações, para permitir o seu funcionamento como centro de estudo, de educação e de entretenimento. A criação dos parques integrava as ações do Ministério da Agricultura, no tocante à conservação dos recursos naturais. Para o arquiteto Angelo Murgel era mais uma oportunidade para colocar em prática as suas idéias arquitetônicas e urbanísticas. Além do Itatiaia, Murgel desenvolveu os planos para os parques do Iguaçu e da Serra dos Órgãos. Os primeiros parques nacionais brasileiros foram criados no período compreendido pelos anos de 1937-39, por decretos do governo federal. Pelo Decreto nº 1713, de 14 de junho de 1937, foi criado o Parque Nacional do Itatiaia; pelo Decreto nº 1035 de 10 de janeiro de 1939, o Parque Nacional do Iguaçu; pelo Decreto nº 1822 de 30 de novembro de 1939, o

Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Assim, têm-se os parques do Itatiaia, na região das Agulhas Negras, na Serra da Mantiqueira, compreendendo área situada nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; o de Foz do Iguaçu, localizado no extremo oeste do estado do Paraná, na divisa do Brasil com a Argentina e o Paraguai; e o da Serra dos Órgãos, entre as cidades de Teresópolis e Petrópolis.

A pesquisa bibliográfica para a elaboração deste estudo apoiou-se em fontes primárias e secundárias. Foram estudados documentos como apostilas, atas de reuniões, correspondências, ofícios e relatórios. Foram consultados também livros, revistas, jornais, bem como anais de seminários e congressos, teses, dissertações e monografias. Além desta documentação trabalhou-se com esboços de desenhos, plantas, projetos, e fotografias. O registro das informações foi feito por meio de fichamentos e para o cadastramento das imagens recorreu-se aos recursos disponíveis na computação gráfica. Os acervos pesquisados envolveram bibliotecas e arquivos públicos, além dos arquivos técnicos da Belgo-Mineira e dos arquivos pessoais dos técnicos. Em Belo Horizonte, consultou-se o Arquivo Público Mineiro, o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, a biblioteca da Escola de Engenharia da UFMG, incluindo-se o arquivo da Associação dos Ex-alunos e Professores desta escola, a biblioteca da Escola de Arquitetura da UFMG, a biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, a biblioteca da Fundação João Pinheiro e a Biblioteca Pública Municipal Luiz de Bessa. No Rio de Janeiro, foram consultados a Biblioteca Nacional e as bibliotecas do IPPUR e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, além do acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no campus de Seropédica/RJ e a biblioteca do Parque Nacional de Itatiaia. Em São Paulo pesquisaram-se as bibliotecas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e a Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade. O acervo pessoal de Murgel, foi consultado por intermédio do seu filho Carlos Murgel, em São Paulo.

Para esta incursão não partiu-se de uma perspectiva de análise linear, ou seja, não se pensou os fatos encadeados numa linha do tempo de maneira evolutiva. Ao mesmo tempo não se teve a intenção

de esgotar as possibilidades de abordagem do tema e das questões correlatas. Do mesmo modo, não foram buscadas explicações a partir de um começo remoto, isto é, tendo um ponto original longínquo para os fenômenos analisados. Não foram buscadas também relações de causa e efeito para alicerçar esta investigação histórica, tendo em vista as permanências e as mudanças decorrentes das transformações ao longo do tempo. Os antecedentes foram analisados como um instrumento para o conhecimento histórico, alguns mais particulares, outros mais gerais, com os seus desdobramentos possíveis. O intuito deste trabalho foi recolocar questões já experimentadas. Se estas permanecem na atualidade, isto é um outro problema a ser enfrentado. A noção de aproximações sucessivas sobre determinados horizontes históricos foi essencial para que fossem buscadas as especificidades do objeto de estudo. O interesse voltou-se para a apreensão das idealizações e realizações situadas em horizontes de tempo e espaços. O tempo, considerado como fonte de mudanças e permanências também. Para a história, e em particular para a história do urbanismo, este se coloca como uma variável fundamental e uma grande questão teórica, sendo que cada momento pode ser entendido como a síntese dos tempos que nele confluem. (FERNANDES & GOMES citado por PADILHA, 1998).

Por fim, esta compreensão se mostra relevante na perspectiva da proteção da memória e do patrimônio cultural, relacionada com a preservação de ambientes naturais e construídos. Os conjuntos idealizados por Murgel ainda constituem importantes referenciais, como constata-se pela presença monumental do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e também das construções e beleza ambiental do Parque Nacional do Itatiaia. As preocupações deste técnico em conciliar a tradição com a modernidade, especialmente com a conservação do meio ambiente, revelam-se pela análise das suas propostas. E o que resta para as outras gerações está, e sempre esteve, diretamente ligado a isso. Não é de hoje que o sacrifício constante de áreas verdes, somado a outros condicionantes naturais, rios, córregos e montanhas, assim como a destruição de conjuntos edificados ou mesmo edificações

isoladas, têm sido uma prática muito difundida no processo de expansão ou consolidação dos aglomerados urbanos. Dada a rapidez das mudanças, representadas por intervenções de renovação, estas provocam mais esquecimentos do que lembranças. Que estas lembranças configuradas por meio de planos globais permaneçam como bens culturais, através de restaurações e adequações às necessidades dos dias de hoje, no diálogo entre o passado e o presente...

TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO PERCURSO DO ARQUITETO ÂNGELO MURGEL

O arquiteto Ângelo Alberto Murgel teve uma atuação dividida entre trabalhos acadêmicos, como professor, e vasta incursão no meio profissional. Murgel nasceu em Cataguases/MG, em 8 de agosto de 1907, e faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de agosto de 1978.³ Diplomou-se pela Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, em 24 de dezembro de 1931, onde retornaria como professor. Destacou-se como estudante quando obteve a grande medalha de ouro de 1932. A tese *Um edifício para os Correios Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro*, datada de 1932, foi apresentada no Concurso de Grau Máximo à Comissão Técnica e Didática da ENBA. Murgel discorreu neste trabalho final de curso sobre o programa e o local definido para a implantação do edifício, além de apresentar o desenvolvimento detalhado do projeto, inclusive com os cálculos estruturais. O trabalho introduzia ainda alguns princípios de arquitetura, com diversas citações, dentre as quais o texto *Bauhausbucher*, de 1924, de Walter Gropius e a referência a

³ Os dados biográficos de Angelo Murgel foram pesquisados no acervo pessoal guardado pelo seu filho Carlos Murgel, em São Paulo/SP. Pesquisou-se também os acervos da UFRRJ, por intermédio da Prof^a Dra. Maria José da Costa, em Seropédica/RJ, e a biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia, em Itatiaia/RJ, com a acolhida do Prof. Léo Nascimento e Maria Helena Sleutjes; Ainda tivemos uma conversa com o Prof. Adolfo Polilo, contemporâneo de Murgel na UFRJ.



Figura 1. Angelo Alberto Murgel (Cataguases/MG, 1907 - Rio de Janeiro/RJ, 1978)

Hermann Muthesius, de que “...o movimento moderno não é senão a tendência para uma certa *typificação*, resultante de uma concentração salutar, d’onde provirá um gosto seguro e um *estyl*o de autoridade para todos. (MUTHESIUS, citado por MURGEL, 1932).

Esta primeira abordagem de Murgel, que se projetava para o meio profissional, revela a sua adesão aos pressupostos da arquitetura moderna, no cenário de renovação em pauta. Ao invés da importação de modelos, que caracterizou o emprego de linguagens como o ecletismo e o *art déco*, ou mesmo a tentativa de recuperação dos

fragmentos do passado colonial, como materializado no neocolonial, buscou a incorporação dos sistemas de produção industrial na composição dos ambientes urbanos. Racionalidade, padronização e abolição de elementos decorativos constituíam os principais componentes vinculados ao ideário do Movimento Moderno difundido naquele momento. Entretanto, como se percebe, mesmo que conceitualmente Murgel estivesse assumindo este ideário, as suas respostas projetuais revelavam o seu apego aos arranjos na linguagem *art déco*, estes caracterizados pelo emprego da linha reta, composição simétrica e prevalência dos cheios sobre os vazados.

Ainda como estudante, em 1931, Murgel expressava as suas preocupações quanto às alternativas possíveis para a arquitetura brasileira. Aproveitando-se da presença, naquele momento, de Frank Lloyd Wright, em palestra na ENBA, dirigiu uma pergunta ao arquiteto norte-americano, sobre quais eram os novos rumos possíveis para a arquitetura. O que estava em jogo era o melhor caminho a seguir, entre copiar o modernismo estrangeiro ou procurar criar um estilo de acordo com as necessidades locais. Wright estava no Brasil, como convidado pela União Pan-Americana, para participar como jurado do Concurso Internacional para o Farol de Colombo, em São Domingos. A exposição do pensamento de Frank Lloyd Wright, a 13 de outubro de 1931, deu-se por convite do Diretório Acadêmico da ENBA, num momento em que os alunos promoviam uma greve. De acordo com Murgel (1933), Wright, então, “...passou, em termos categoricos, respondendo a uma minha pergunta, o attestado de obito, a essa architectura commoda e inconsciente de reproducções desaconselhadas.” Wright introduzia, assim, o conceito de arquitetura orgânica, que, em função das condicionantes locais, poderia oferecer múltiplas soluções e abordagens, “...para cada região do globo terrestre deve haver uma expressão particular da architectura, que corresponda ás necessidades peculiares daquela zona, attendendo aos diversos factores”. Esta referência foi importante para Murgel, tanto no seu trabalho final de curso, quanto ao longo da sua atuação profissional, na busca de uma adequação das suas propostas de intervenção às condições locais, considerando determinadas especificidades regionais.

Já em 1952, contratado como docente da Faculdade Nacional, apresentou tese intitulada *Grandes Composições de Arquitetura*, no concurso para Livre Docente, na Faculdade Nacional da Universidade do Brasil. Murgel (1952) discutia neste trabalho a forma e as suas determinantes,

“...da expressão plástica própria a cada uma de suas manifestações, considerando-se que vivemos uma época de profunda renovação e em que, portanto, para bem cumprirmos o nosso destino devemos agir com plena ciência dos puros princípios inerentes à própria essência dessa arte, devemos estar armados com o conhecimento completo e íntimo de todos os fatores que interferem no ato da criação, para que essa seja uma ação consciente, lógica e segura, e não a simples decorrência do temperamento dirigido a fantasia.”

Em 1957, Murgel novamente prestou o concurso para Livre Docente, concorrendo com Hélio Queiroz Duarte. Murgel foi



Figura 2. Estudo em perspectiva do edifício para os Correios Gerais e Telegrafos, na tese de grau máximo defendida por Angelo Murgel, em 1932, na ENBA. Fonte: MURGEL, Angelo A. *Concurso de grau maximo: um edifício destinado aos Correio Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro.*

classificado em primeiro lugar. Em 1961 defenderia a sua tese intitulada *A análise do Belo*, no concurso para provimento da cadeira *Grandes Composições de Arquitetura*, tendo sido aprovado. No mesmo concurso foi admitido o arquiteto Henrique Ephim Mindlin, que teve uma importante participação na difusão do pensamento moderno em arquitetura. Em 1974, Murgel assumiu o cargo de vice-diretor da, então, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Murgel participou de inúmeros eventos técnico-científicos, com trabalhos apresentados, como no V Congresso Pan-Americano, previsto para ocorrer na capital de Cuba, Havana, em 1933, organizado apenas sete anos mais tarde, na cidade de Montevidéu, no Uruguai, em 1940, onde apresentou trabalho com o título *A profissão do arquiteto: considerações sobre sua legislação*. Neste trabalho aprovado com aclamação pelo plenário, fazia um apanhado sobre a função do arquiteto na sociedade e as dificuldades enfrentadas na atualidade pela falta de regulamentação profissional. Para Murgel (1940) “...a verdadeira função do arquiteto é a de criar. Criar utilidade e beleza. Todas as suas obras são concebidas para satisfazer inúmeras necessidades do homem, a satisfazê-las cada vez melhor, física, moral, social e espiritualmente.” E dentro das suas atribuições se colocava o “...estudo, projeto, direção e fiscalização dos edifícios e de urbanismo e seus trabalhos complementares.” Em 1941, participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo realizado no Rio de Janeiro, como membro titular, vinculado ao Ministério da Agricultura. Em 1952, apresentou tese abordando *A Casa Rural Brasileira*, no II Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros, realizado em São Vicente/SP. Murgel foi um dos membros colaboradores do congresso, na Subcomissão de Habitação e Favelas da Comissão Nacional do Bem-Estar Social.

Murgel escreveu artigos para jornais e revistas abordando problemas de arquitetura e urbanismo. Publicou ainda esboços de projetos e croquis de viagens nos quais ensaiava soluções arquitetônicas e estudava composições diversificadas, através de exemplos das várias regiões visitadas por ele. Também publicou

textos com impressões de viagens, como o *A Lisboa Moderna, renovações na arquitetura sem revolução – o problema da casa popular – a fisionomia da capital lusa*, no qual discorreu sobre questões referentes às intervenções de renovação implementadas na capital portuguesa. Do mesmo modo, publicava as suas *Observações de viagem*, a respeito da cidade de Montevideu, no Uruguai. Em 1941, publicou outras *Observações de viagem*, referentes à sua ida às Cataratas do Iguaçu, quando o hotel, de sua autoria, no Parque Nacional de Foz do Iguaçu, estava em construção. Ainda em 1933, iniciou uma série de artigos semanais no jornal Estado de Minas, nos quais abordava aspectos teóricos e práticos da arquitetura com exemplos de projetos de edificações. Os artigos iniciavam com conceitos esboçados a partir de vários autores passando por filósofos, como Platão, Aristóteles e críticos, como Vitruvius e Alberti. Murgel (1933) entendia a arquitetura como

...producto da arte e da technica, apreciavel objetiva e subjectivamente, segundo a observamos sob o lado formal ou sob o symbolico, creada para uma finalidade ás vezes pratica, outras simplesmente votiva ou commemorativa, offerece para cada um dos technicos, o artista, o engenheiro, o sociologo, o estheta, o economista um aspecto particular em que predominam os requisitos peculiares ás suas respectivas especialidades.

Neste sentido, o arquiteto deveria ter uma visão ampla, que possibilitasse a conjugação dos diversos saberes, no enfrentamento das questões relacionadas com a sua profissão. (Figura 3) Ao abordar o problema da composição, Murgel (1933) ressaltava que “...na elaboração das plantas os eixos têm uma importancia capital para a bôa orientação dos serviços e para a logica do funcionamento: é esse um legado indestrutível da architectura classica.” Preconizava ainda a necessidade de um novo tipo de arquitetura mais adaptada ao seu tempo, que levasse em conta a possibilidade de standardização.

Para MURGEL (1933) a arquitetura moderna se traduzia como aquela

...que se forma pelo aproveitamento racional dos

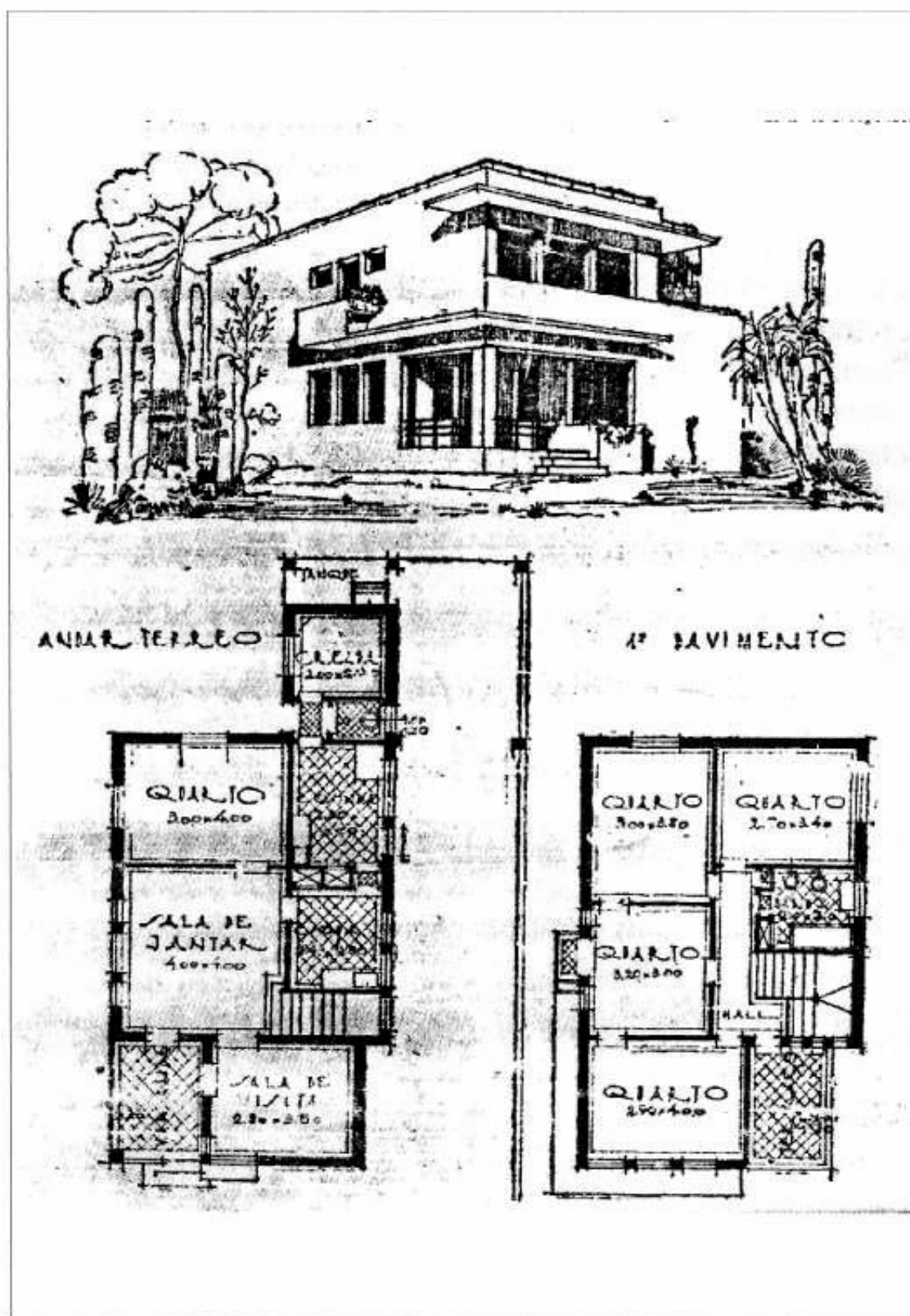


Figura 3. Perspectiva e plantas de projeto em artigo de jornal. Fonte: MURGEL, Angelo A.. *Architectura*. ESTADO DE MINAS, 17 de maio de 1933.

materiaes disponiveis, pela utilização maxima dos recursos da industria e da technica, pela intima harmonia com o meio social e geographico, pela propriedade com que satisfaz a sua finalidade, pela economia dos seus processos e pela expressão de belleza a que chega, resultante natural de sua propria constituição.

Murgel discorria sobre a construção de casas racionais e econômicas por meio de processos de fabricação e padronização dos seus componentes com fornecimento direto da fábrica ao proprietário, citando Walter Gropius, a partir do Catálogo do 1º Salão de Architectura Tropical, realizado no Rio de Janeiro, em 1933. Outro conceito desenvolvido por Murgel refere-se à arquitetura rural.

Já em 1939, Murgel fazia comparações entre uma construção edificada no meio rural e as casas urbanas. Neste trabalho elaborou um panorama sobre a habitação no campo, percorrendo diversas regiões brasileiras, para destacar a peculiaridade dos tipos edificados, com características muito específicas e adaptadas às condições dos diferentes sítios. Além de ressaltar o descaso dos poderes públicos e dos arquitetos, em relação a esta arquitetura espontânea e racional, Murgel apresentava um projeto, que será tratado mais adiante, destinado a abrigar a sede de um instituto de pesquisas sobre as pragas do campo, no Rio de Janeiro, no qual tentava conjugar estes princípios (MURGEL 1939).

A atuação profissional de Murgel teve início em Belo Horizonte, para onde se transferiu logo após a diplomação, tendo alcançado uma posição de destaque na cidade. Murgel estabeleceu o seu escritório à rua Rio de Janeiro, nº385, 2º andar, vinculado à firma Carneiro de Rezende & Cia.⁴ Além de ter desenvolvido várias propostas arquitetônicas, a sua participação nas discussões

⁴ A firma Carneiro de Rezende & Cia. foi organizada pelo engenheiro Alvimar Carneiro de Rezende, em 1926, responsável por diversos empreendimentos, edificações públicas e particulares, que contavam com a participação de outros sócios. A empresa funcionou até o ano de 1943, quando ocorreu o falecimento do seu fundador. Ver: MINAS GERAIS. *Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte: 1894/1940*. Belo Horizonte: IEPHA/ MG, 1997, pp.225-228.

urbanísticas da cidade foi intensa, tendo integrado o quadro da Comissão Técnica Consultiva, criada em 1934, na gestão do prefeito José Soares de Mattos (1933-35). Esta comissão agregava os profissionais mais especializados da cidade, opinando sobre os mais variados assuntos, dentre os quais acerca dos problemas de urbanismo. Neste período, Murgel também fêz parte do corpo docente da Escola de Arquitetura, fundada em 1930.⁵

Ainda, quando se pensava a reformulação do edifício dos correios, instalado na avenida Afonso Pena, Murgel (1933) apontou os principais aspectos que deveriam ser considerados nesta intervenção, estes relacionados com a composição arquitetônica, sobre o tríplice aspecto da técnica, da construção e da estética. No ano seguinte, responderia à enquete *Que falta a Belo Horizonte para ser uma grande cidade?*. Nesta oportunidade, discorreu sobre os principais problemas que interferiam no desenvolvimento da capital mineira, revelando a sua visão de progresso

...mas tudo mudará. Belo Horizonte tem recursos para um desenvolvimento rápido. Breve veremos tudo mudado: Essas ruas largas e retas cheias de veículos rápidos, de povo, dessa massa anônima das metrópoles, de grandes magasins abrindo suas vitrines vistosas, de luz intensa e faiscante. Os prédios altos afogarão com suas linhas retas e suas massas impressionantes a paisagem bucólica e 'vergel' de hoje. E os nossos hábitos também mudarão, seremos mais alegres, iremos mais ao cinema, ao teatro, às casas de chá, nos 'footings', aos clubes, faremos 'sport' e seremos 'standardizados' como todos os habitantes das grandes cidades. Tempo virá.

Em outra entrevista, Murgel (1933) destacava a necessidade da elaboração de um plano de desenvolvimento para a cidade, "...para que o crescimento de Bello Horizonte, cidade que se ufana de ter sido feita sob um traçado regular não esbarre, mais tarde,

⁵ A escola foi fundada com a denominação de Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, logo transformada em Escola de Arquitetura, a 5 de agosto de 1930, vinculada à Prefeitura. Apenas em 3 de agosto de 1946 deu-se a incorporação da escola à Universidade de Minas Gerais, federalizada em 1949.

com os impecilhos que têm encontrado outras, como o Rio de Janeiro e São Paulo, construídas e desenvolvidas sem nenhum critério urbanístico.” Em 1935, como representante da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, Murgel fez parte da comissão julgadora do concurso para o novo prédio da prefeitura, juntamente com Alfredo Ernesto Becker, J. Amaral Neddermayer, Paulo Costa e Octavio Penna.

Em 1932, Murgel projetou o Edifício Cine Brasil vinculado à linguagem *art déco* (Figura 4). Também em 1932, desenvolveu o projeto para a Penitenciária Agrícola do Estado de Minas Gerais com partido em bloco horizontal composto em cinco pavimentos, como veremos mais adiante. Além deste bloco prisional, o conjunto penitenciário se configurava como um núcleo urbano autônomo, com setores para residência e comércio, estes pensados num esquema de traçado jardim, com as vias adaptadas ao sítio de implantação e as edificações dispersas pelo verde.

Em 1934, Murgel participou do concurso para a Cidade-Operária de Monlevade, em Minas Gerais, promovido pela Companhia



Figura 4. Edifício do Cine Brasil, projetado por Angelo Murgel em 1932. Fonte: CASTRIOTA, Leonardo. *Arquitetura da Modernidade*, p.156.

Siderúrgica Belgo-Mineira (CSBM). O plano geral definido para a futura cidade dividia a gleba em três partes: a superior, a do meio e a marginal ao leito do rio. (Figura 5) Nesta configuração em setores, Murgel evitou a utilização de passagens de nível sobre a linha férrea

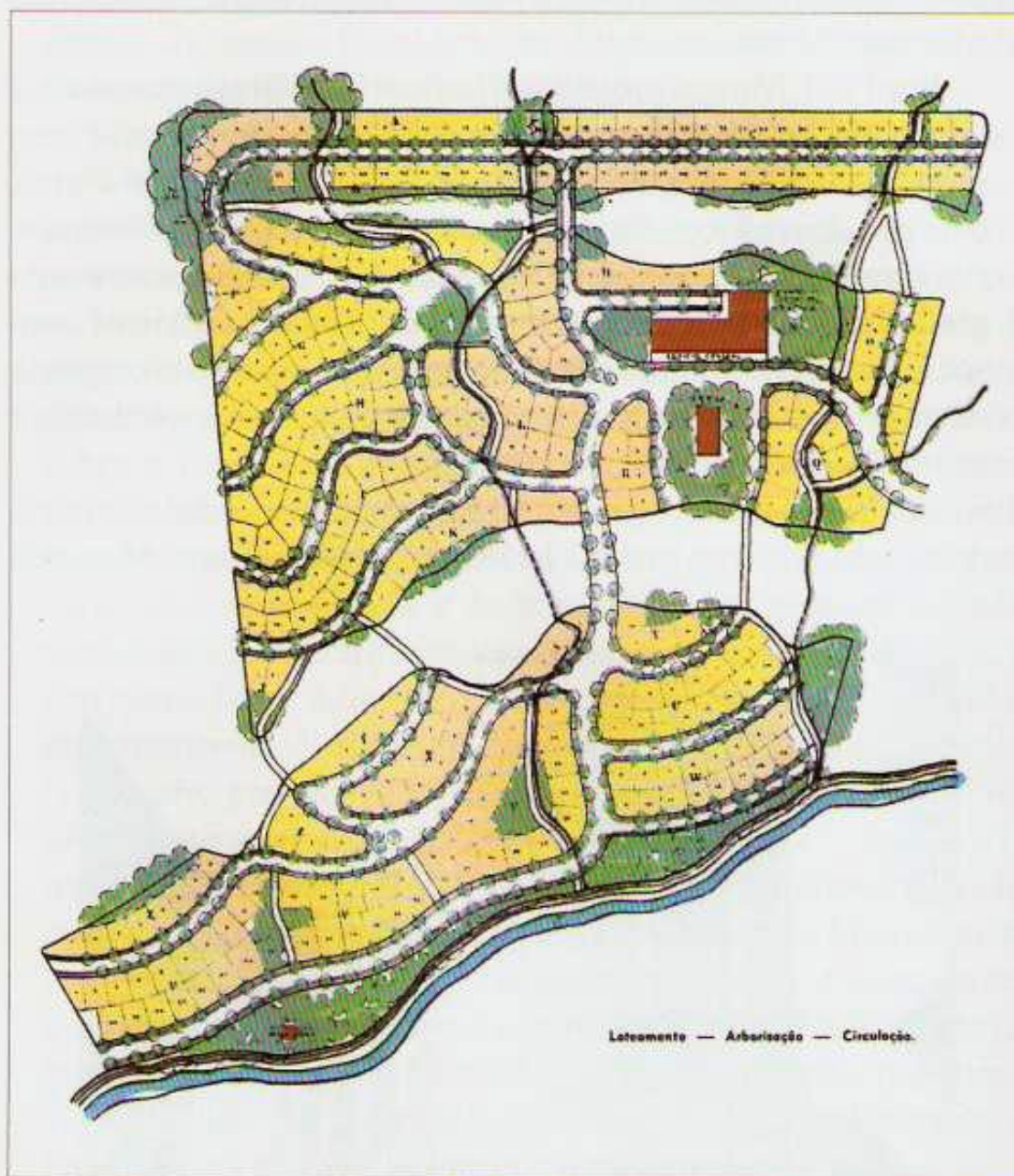


Figura 5. Implantação geral proposta por Angelo Murgel, sendo que os quarteirões foram diferenciados por letras do alfabeto da A a Z e os lotes numerados. Os edifícios públicos foram indicados, bem como as áreas verdes e praça arborizada, além da instalação depuradora localizada na margem do rio Piracicaba. Fonte: MURGEL, Angelo A.. *Projecto da Cidade Operaria de Monlevade*, p.275.

e o emprego de passagens elevadas, através de uma ligação comum entre estes setores através de uma única via de trânsito de veículos. Esta via constituía o único eixo de passagem atravessando em nível a via férrea. Além disso, o sistema viário foi estudado para que se evitasse movimentação de terra desnecessária. O projeto previa a possibilidade de expansão futura, como ressaltava Murgel, o que pode ser constatado pela malha viária em aberto nos limites da gleba parcelada. Em Monlevade, Murgel desenvolveu uma proposta que refletia as suas inquietações com relação à arquitetura e ao urbanismo modernos. O apelo ao traçado jardim já esboçado anteriormente, no projeto para a Penitenciária de Neves, foi definido com maior precisão pela adequação das vias ao sítio de implantação e pela inserção das edificações em espaços verdes, acrescidos de pequenos parques. A denominação de cidade jardim empregada por Murgel constituiu a única referência clara ao ideário *garden city*⁶, materializada na configuração arborizada pelas ruas e pelos quintais, somados às reservas de vegetação do entorno “...teremos um total apreciável e capaz de emprestar ao conjunto um agradável aspecto de cidade jardim” (MURGEL, 1936).

Ainda em 1934, o projeto para o Brasil Palace Hotel, plagiado pelo arquiteto Bruno Graeflinger, motivou uma ação judicial, favorável a Murgel. Na ação, o juiz condenou o réu a indenizar o autor do projeto original, no caso Murgel, por perdas e danos decorrentes do processo. No ano seguinte, Murgel desenvolveu o projeto para o edifício de escritórios Ibaté, que constituiu o primeiro *arranha-céu* de Belo Horizonte, com os seus dez pavimentos vazados em

⁶ A formulação do ideário *Garden City*, desenvolvido por Ebenezer Howard, no final do século XIX, publicado como *Tomorrow: a Peaceful Path to Real Reform*, em 1898, configurou-se como importante referencial para as intervenções sobre as cidades. Howard imaginava a sua proposta de maneira cooperativa, em núcleos satélites limitados para uma população de 32.000 habitantes ligados aos grandes centros por meio de transporte ferroviário. A idéia da cidade-jardim envolvia uma reforma social de maneira a tornar mais confortável a vida do proletariado industrial. O modelo proposto por Howard foi definido de modo radioconcêntrico em anéis que mesclavam áreas edificadas e cinturões verdes, a partir de um centro cívico no qual foram instalados os equipamentos públicos. O verde permeava as vias e os quarteirões residenciais, possibilitando a separação em relação à indústria colocada no último anel. Com isso, Howard buscava uma síntese entre as vantagens do campo e da cidade. HOWARD, Ebenezer. *Garden cities of to-morrow*. London: Faber and Faber Ltd., 1945, esta edição foi publicada originalmente em 1902, com revisões feitas sobre a primeira publicação de 1898.

panos de vidro para a avenida Afonso Pena e o coroamento feito por meio de um guarda-corpo metálico. O prédio construído pela firma Carneiro de Rezende & Cia., teve a sua denominação inspirada na linguagem indígena, "... 'Ibaté', quer dizer (...) longo, esguio, alto, e é o nome escolhido para substituir os inúmeros appellidos com que o 'humour' do povo anda brindando o novo edifício." O esquema adotado é moderno, com "planta livre", "...sua planta foi feita de modo a poder ser utilizado como escriptorios ou mesmo como apartamentos, dependendo isso de pequenas modificações fáceis. As instalações e encanamentos já estão todos embutidos nas lajes e paredes." Conforme Brandão (1992), a solução de partido adotada por Murgel "...mesmo simétrica, a composição é fraca e a forma final, claramente modernista, resulta mais da função interna e técnica do que do interesse em enriquecer nossa paisagem. A continuidade das lajes horizontais dos pavimentos caracteriza-o mais como um 'empilhamento' de caixas de vidro obviamente repetidas na extensão de sua altura." Entretanto, pelo seu aspecto inovador e concordância com os pressupostos relacionados com o ideário do movimento moderno, particularmente no tocante ao processo construtivo e à concepção do programa o projeto antecipava várias questões que se tornariam comuns na cidade. Ainda foram projetados por Murgel o prédio do Centro dos *Chauffers*, de 1937, a capela do Colégio Santa Maria, de 1938, e a Casa de Saúde São Lucas, de 1939, além do prédio para o Hospital Imaculada Conceição. (Figura 6) Nestes projetos Murgel retomava o emprego da linguagem *art déco* para a composição dos partidos arquitetônicos.

Em meados dos anos 30, Murgel se transferiu para o Rio de Janeiro, tendo instalado o seu escritório no Edifício Nilomax, situado na esquina de Nilo Peçanha com México. Vários projetos foram desenvolvidos, como o edifício de apartamentos em linguagem neo-colonial, em 1946, no Leblon. Em 1956, desenvolveu o projeto urbanístico para um loteamento em Cabo Frio/RJ, o *Week end Campo-Mar*, localizado em área de expansão da cidade, próximo da praia do Perú. No ano seguinte, juntamente com Ulisses Burlamaqui, projetou a Igreja de São Judas Tadeu, que se destacava

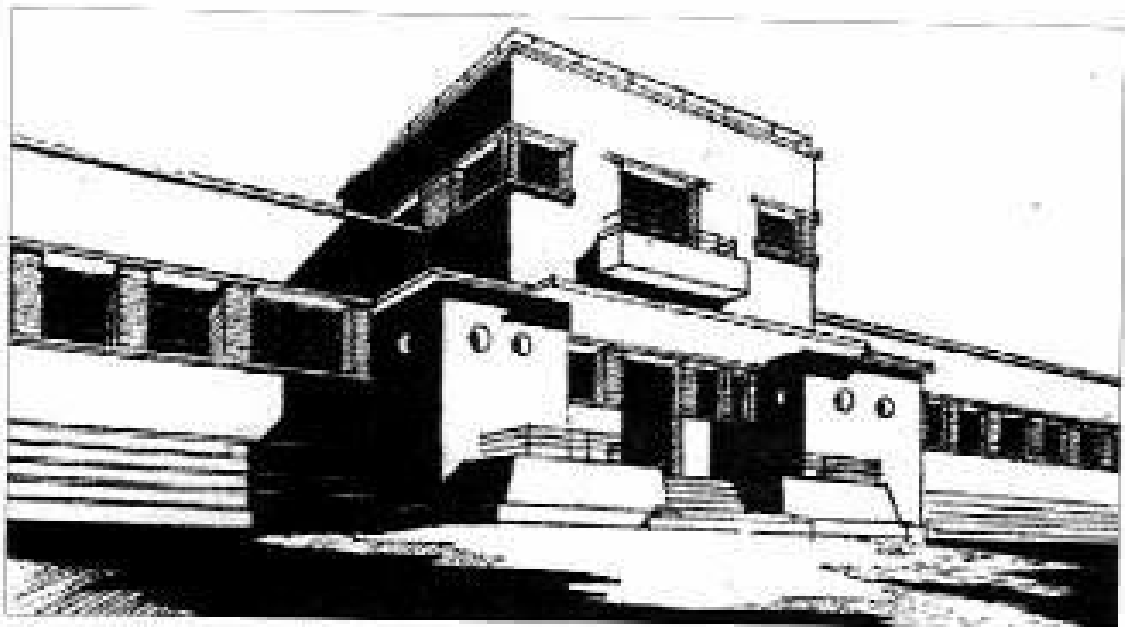


Figura 6. Perspectiva do projeto para o Hospital Imaculada Conceição, por Angelo Murgel, nos anos 30. Fonte: MURGEL, Angelo A., ESTADO DE MINAS.

pela adoção de uma linguagem moderna marcada por marquise em balanço e estrutura vazada. (Figura 7) Neste mesmo período, Murgel desenvolveu os projetos para uma residência em Petrópolis/RJ e para o Edifício sede da Companhia Vale do Rio Doce, em Vitória/ES, este configurado por elementos vazados e estrutura aparente. Ainda em 1939, na cidade de São Lourenço/MG, Murgel projetou o Novo Hotel das Nações, com partido em bloco único de cinco pavimentos.

A partir de 1937, como servidor contratado pelo Ministério da Agricultura elaborou uma série de projetos, dentre os quais propostas de grande impacto urbanístico como o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.⁷ O projeto para a Universidade Rural, estava vinculado, inicialmente ao planejamento do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas – CNEPA, para um terreno situado no quilômetro 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo, no município de Itaguaí/RJ. A área pertencente ao Ministério da Agricultura englobava as glebas da Fazenda Nacional de Santa Cruz,

⁷ Desenvolveu ainda projetos para instalações rurais como silos, estumeiras, estábulos, currais, banheiros, dentre outros, estes datados de 1935-36, arquivados no Núcleo de Documentação e Pesquisa da FAU-UFRRJ.

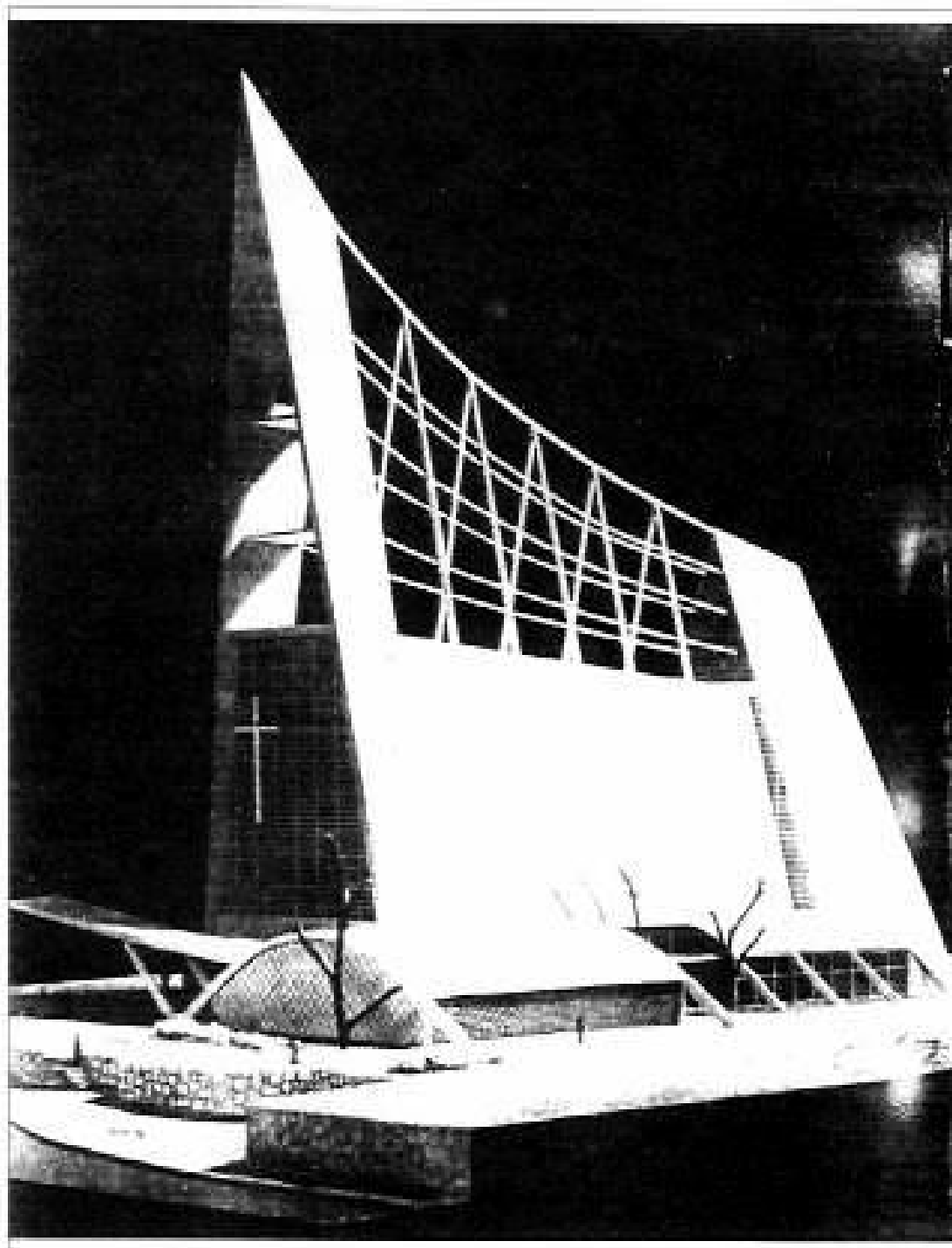


Figura 7. Maquete do projeto para a igreja de São Judas Tadeu, por Angelo Murgel e Ulisses Burlamaqui, em 1957. Fonte: MURGEL, Angelo A., *Análise do Belo*, p.112.

no distrito de Seropédica. O campus integrava o programa do CNEPA que abrangeria a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, Cursos de Extensão e Especialização, Serviço Escolar e Serviço de Desportos.⁸

Murgel desenvolveu também os projetos para as sedes dos Parques Nacionais, os quais foram criados entre os anos de 1937 e 1939, por decretos do governo federal.⁹ Assim, se inserem os parques do Itatiaia, na região das Agulhas Negras, na Serra da Mantiqueira, compreendendo área situada nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; o de Foz do Iguaçu, localizado no extremo oeste do estado do Paraná, na divisa do Brasil com a Argentina e o Paraguai, e o da Serra dos Órgãos, entre as cidades de Teresópolis e Petrópolis. A sede do Parque Nacional do Itatiaia foi assentada em Monte Serrat, a 831 metros acima do nível do mar, já na Serra do Itatiaia, no mesmo local das instalações da Estação Biológica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que antecedeu ao Parque. O Parque Nacional do Iguaçu teve a sua sede instalada em relevo relativamente plano, entre 250 e 350 metros de altitude, no oeste do estado do Paraná, na divisa do Brasil com a Argentina e o Paraguai. Além do aeroporto, foram projetados o edifício-sede, os alojamentos para pesquisadores, o museu e as residências de funcionários, além de instalações sanitárias. Ainda foram projetados um hotel, com garagem e oficinas, um centro de esportes, um horto botânico, um jardim zoológico, um almoxarifado e oficinas. A localização do Parque da Serra dos Órgãos era a mais facilitada, pela proximidade com a Capital Federal. O plano geral compreendia um edifício-sede, casas para guardas florestais, funcionários e diretor, além de um hotel de montanha. Este último equipado com instalações completas, conforme Murgel, prevendo-se a prática de esportes compatíveis com a região. Foram projetadas ainda choupanas rústicas para o alojamento de visitantes.

⁸ Inicialmente a Escola de Agronomia era vinculada ao CNEPA. Posteriormente, nos anos 40, foi constituída a Universidade Rural do Brasil que, nos anos 60, viria a ser transformada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁹ Pelo Decreto nº 1713, de 14 de junho de 1937, foi criado o Parque Nacional do Itatiaia; pelo Decreto nº 1035 de 10 de janeiro de 1939, o Parque Nacional do Iguaçu; pelo Decreto nº 1822 de 30 de novembro de 1939, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Outras propostas foram desenvolvidas por Murgel neste período, como a Estação de Investigações Fitossanitárias, no Rio de Janeiro, concluída em 1940. O projeto foi definido de maneira monumental com partido em “U”, em dois pavimentos e composição simétrica, numa linguagem neocolonial, com grandes avarandados e telhado aparente. O programa extenso envolvia diversos laboratórios, salão de conferências, salas para administração, biblioteca e serviços. A estação compreendia a instalação de um imenso parque destinado ao estudo das pragas na lavoura.

O plano para a Cidade das Meninas, se colocava como um outro projeto, compreendendo um complexo para abrigar *moças órfãs* com extenso programa. A colônia foi projetada no município de Nova Iguaçu, numa antiga fazenda, com previsão de abrigar cem moradias e alguns equipamentos de apoio. Conforme Murgel (1930) o projeto obedecia

...em seu conjunto ao tipo dos 'parck-way' norte-americanos, possuindo as casas jardim, horta, pomar, aviário e apiário. O plano agro-pecuário referido é completo. Consta da organização uma seção de plantas ornamentais para cada residência, pomar contendo árvores frutíferas tropicais e exóticas, parques de grama-seda para aves domésticas, que habitarão casa-colônia modelo. Haverá instalações para sericultura, existindo já uma plantação de amoreiras com meio milhão de pés, (...). O plano estabelece mais a parte relativa à zootecnia, montando a Cidade das Meninas com instalações para gado leiteiro e outras dependências destinadas a reprodutores e bezerros novos. Uma seção de suinocultura servirá para o aproveitamento de todas as obras da parte de agro-histologia e do plantio de ramas de tubérculos organizados para auxiliar o forrageamento dos animais em meia estabulização. Conta ainda os técnicos fazer o reflorestamento de diversas áreas com eucaliptos, sendo que, para atender às necessidades da destilaria de álcool a ser ali instalada, 20 mil metros cúbicos de lenha por ano.

Aqui os referenciais empregados por Murgel também se assemelhavam às fontes utilizadas no projeto para a Cidade Operária de Monlevade, como ressaltado anteriormente. A proposta para a

“Cidade das Meninas” apresentava componentes relacionados com a idéia de um núcleo urbanizado disperso no verde, de acordo com o ideário *garden city*; as avenidas parque possibilitavam a penetração neste ambiente, integrando os seus setores residenciais como um parque linear. O projeto dialogava também com o conceito de arquitetura rural desenvolvido por Murgel, no sentido de uma intervenção adequada ao lugar, tirando partido dos seus condicionantes naturais.

O *Núcleo agro-industrial em Itaparica* desenvolvido por Murgel em 1942 constituiu uma outra proposta completa de núcleo urbano (Figura 8). A área destinada à implantação da nova cidade agro-industrial englobava glebas situadas na divisa dos estados da Bahia e de Pernambuco. Para este projeto urbanístico Murgel adotou um traçado ortogonal baseado em quadrículas regulares. O

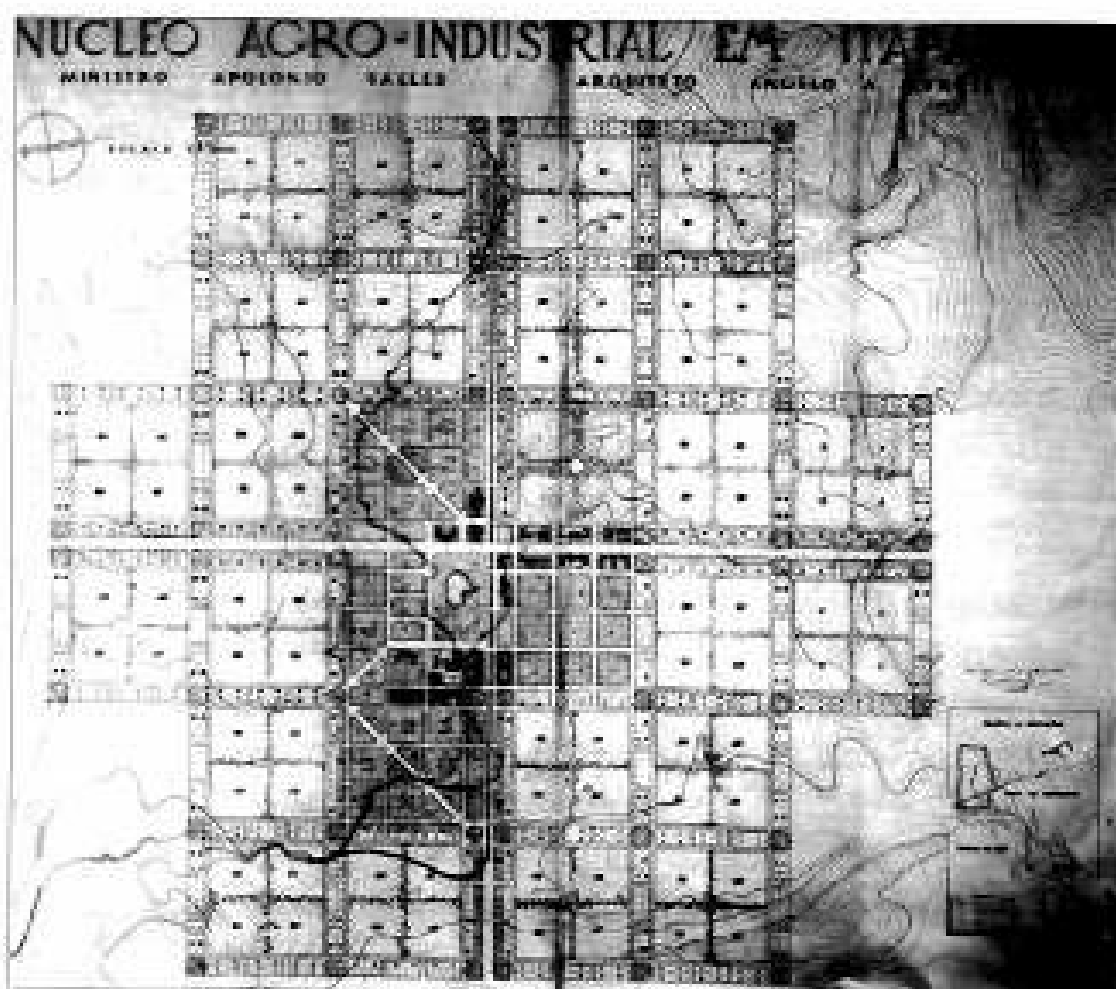


Figura 8. Implantação geral do *Núcleo Agro-industrial em Itaparica*, por Angelo Murgel, em 1942. Fonte: Acervo pessoal de Angelo A. Murgel

programa foi composto por diversos loteamentos, áreas residenciais, praças e parques, além da dotação de equipamentos públicos e áreas de comércio. Estes loteamentos foram divididos em dois tipos de parcelamento, o primeiro mais fragmentado, com as casas implantadas com recuos e afastamentos, e o segundo composto por áreas maiores, também estabelecido a partir das quadriculas, sem a definição do tipo de ocupação. Merece destaque a racionalidade deste conjunto e a inadequação da proposta ao cenário de topografia acidentada em que foi inserido. Atributos distintos, relacionados com a eficiência e a funcionalidade podem ter levado Murgel a adotar esta solução. Como um núcleo agro-industrial, a proposta revelava também uma dispersão da sua área urbanizada, com baixa densidade de ocupação, caracterizada pelo princípio da desurbanização.

Outras propostas foram elaboradas por Murgel, na sua atuação vinculada ao Ministério da Agricultura, como o Entrepasto Geral de Gêneros, definido em um bloco contínuo, com cobertura em arco, vazado por aberturas nas fachadas e na cobertura. O entreposto apresentava uma linguagem funcional, com linhas retas, como um galpão que lembrava um hangar de aviões. Brises nas laterais e aberturas no telhado abobadado permitiam a aeração do conjunto. Outro projeto desenvolvido por Murgel, no Rio de Janeiro, refere-se ao projeto para o Parque de Pecuária (Figura 9). Para este parque, nos terrenos do antigo Jardim Zoológico, na Quinta da Boa Vista, Murgel também seguiu uma *orientação moderna*, como trabalhada no entreposto de gêneros. A proposta envolveu um conjunto edificado com blocos compostos por grandes galpões e anfiteatro, além de uma torre e um pórtico de acesso. A linguagem do conjunto assentada em linhas retas e planos defasados marcava a composição monumental do parque. O bloco principal em seis pavimentos foi definido de modo descontínuo, com panos horizontais de aberturas. O térreo apresentava marquise no sentido longitudinal. O pórtico de acesso tangenciava este bloco principal com a torre e o anfiteatro na continuação. Ao fundo, renque de palmeiras imperiais foi preservado.

Estes projetos constituíram intervenções de grande impacto que, entretanto, não foram executadas. As soluções adotadas revelam a

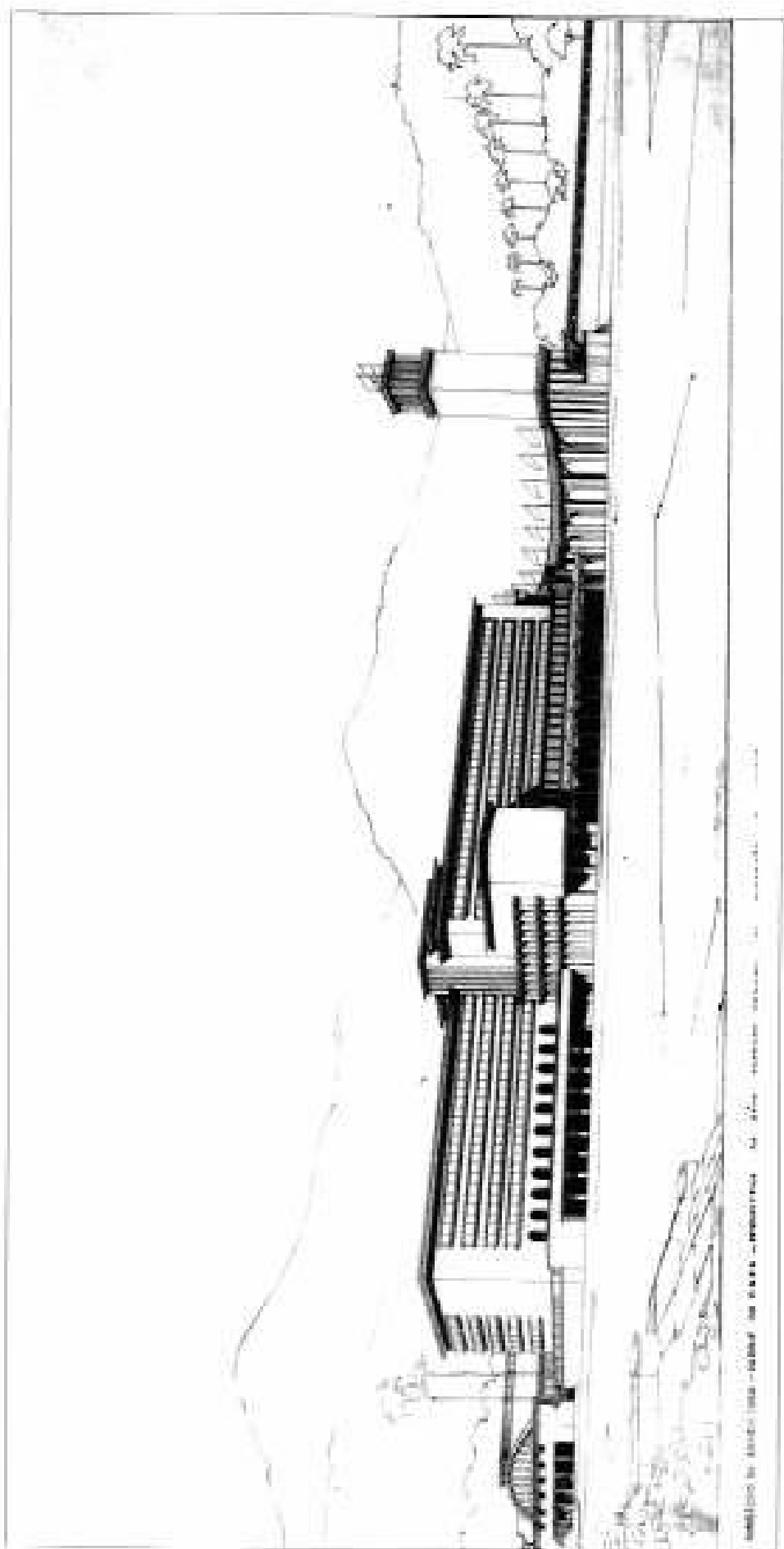


Figura 9. Perspectiva do projeto para o Parque de Pecuária, por Angelo Murgel. Fonte: Acervo pessoal de Angelo A. Murgel sem data.

orientação de Murgel (1952) no que se refere às grandes composições aplicadas à escala urbana, na perspectiva da arquitetura como *“...arte e ciência de conceber e construir os abrigos necessários e próprios às múltiplas atividades da vida do homem, da maneira a mais fácil, a mais estável, a mais durável, a mais cômoda, a mais econômica e a mais bela, em perfeita correspondência com seus ideais, hábitos e habitat.”* Para dar conta do seu ofício, como artista, técnico e sociólogo, o arquiteto deveria desenvolver uma capacidade cultural *“...polimórfica e universal, suas atividades intelectuais devem envolver tôdas as manifestações do espírito humano.”* O trabalho de criação do arquiteto se distinguia da atuação dos artistas, tendo em vista que Murgel considerava a arquitetura como uma *“arte não livre”*. Por esta via, a arquitetura dependeria de *“...inúmeros fatores e de um progresso que muito lentamente se tem processado através dos séculos na conquista de novos materiais, de novos processos, de novas técnicas, progresso intimamente ligado ao da indústria e da ciência.”* Além destas questões relacionadas com os materiais e tecnologias, Murgel ressaltava as limitações do trabalho do arquiteto devido à *“...série de imposições sociais, econômicas, utilitárias, climáticas e de destinação.”* O urbanismo para Murgel constituía uma especialização do trabalho do arquiteto. Assim, dentre as atribuições deste profissional se colocavam os problemas relativos à construção de cidades, afinal *“...o architecto é também um urbanista, porque, na verdade, o urbanismo não é outra coisa senão uma especialização technica da profissão do architecto.”*(MURGEL, 1939)

A seguir são apresentados os projetos para o campus da Universidade Rural e para o Parque Nacional do Itatiaia, nos quais Murgel colocou em prática os princípios aqui estudados. Procurou-se buscar uma compreensão que parte do global para o particular. Expõem-se os planos gerais e as soluções individualizadas para as edificações e para o sistema urbano adotado.

A proposta elaborada para o campus da Universidade Rural compreendeu um trabalho extenso, desenvolvido por equipe multidisciplinar, a partir de 1938. O projeto estava vinculado, inicialmente, ao planejamento do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas – CNEPA, para um terreno situado no quilômetro 47 da antiga rodovia Rio-São Paulo, no município de Itaguaí/RJ (Figura 10). A área pertencente ao Ministério da Agricultura englobava as terras da Fazenda Nacional de Santa Cruz, no distrito de Seropédica/RJ. A localização era estratégica com acesso facilitado para as diversas regiões do estado do Rio de Janeiro e também para São Paulo, sendo que a topografia apresentava características de baixada como parte da extensa planície que se alongava até o mar. O campus integrava o programa do CNEPA que abrangeeria a Escola Nacional de Agronomia, a Escola Nacional de Veterinária, Cursos de Extensão e Especialização, Serviço Escolar e Serviço de Desportos. Apenas no ano de 1948, a universidade teria as suas atividades plenamente iniciadas, apesar da sua criação desde o ano de 1943, pelo Decreto nº 6155 do governo federal, como Universidade Rural do Brasil. A denominação



Figura 10. Localização do campus da Universidade Rural, no Estado do Rio de Janeiro. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

atual – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – veio pela Lei nº 4759, de 1965.

As principais atribuições do CNEPA estavam relacionadas com o estudo das espécimes botânicas brasileiras,

conforme Costa (1940) ...do ponto de vista de seu melhoramento por isolamento de novas linhagens ou criação de novas variedades que se destaquem por mais elevada produtividade ou resistência a doenças e a introdução, no país, de plantas alienígenas susceptíveis de adaptação e exploração rendosa." Ainda conforme Costa (1940) A implementação da, então, Escola Nacional de Agronomia e anexos, contígua ao CNEPA era considerada uma grande conquista, "...uma das maiores realizações do Ministério da Agricultura, por isso que se trata de um estabelecimento básico para formação de valores indispensáveis ao desenvolvimento racional das nossas riquezas naturais. Obra grandiosa, já pelo seu aspecto arquitetônico, já pelas instalações que foram projetadas tendo em vista os progressos do ensino agrônomo, ela há de marcar uma época nesta fase de renovação econômica do país.

O plano elaborado para o conjunto contou com a participação do arquiteto Angelo Murgel, como integrante da comissão responsável pelo planejamento e construção do complexo (Figura 11). Segundo Costa (1940), este plano foi "*...organizado segundo as exigências da técnica moderna, compreendia numerosos edifícios dispostos em zonas distintas, ligadas por um grande parque paisagístico.*" A comissão desenvolveu um programa extenso para abrigar os blocos institucionais de ensino, de pesquisa e as instalações de apoio, tendo sido desdobrada em três subcomissões, a primeira delas, de planos e coordenação, a segunda, de arquitetura e a terceira, a da superintendência, fiscalização e orçamentos, bem como projetos complementares (SOARES, 1953). Esta comissão foi nomeada pelo ministro Fernando Costa e incluía também o professor Heitor Grillo, Diretor da Escola Nacional de Agronomia, e o oficial administrativo Roberto Borges, todos funcionários do Ministério da Agricultura. Ainda auxiliavam a comissão os engenheiros Francisco Fernandes Leite, Ernesto Luiz

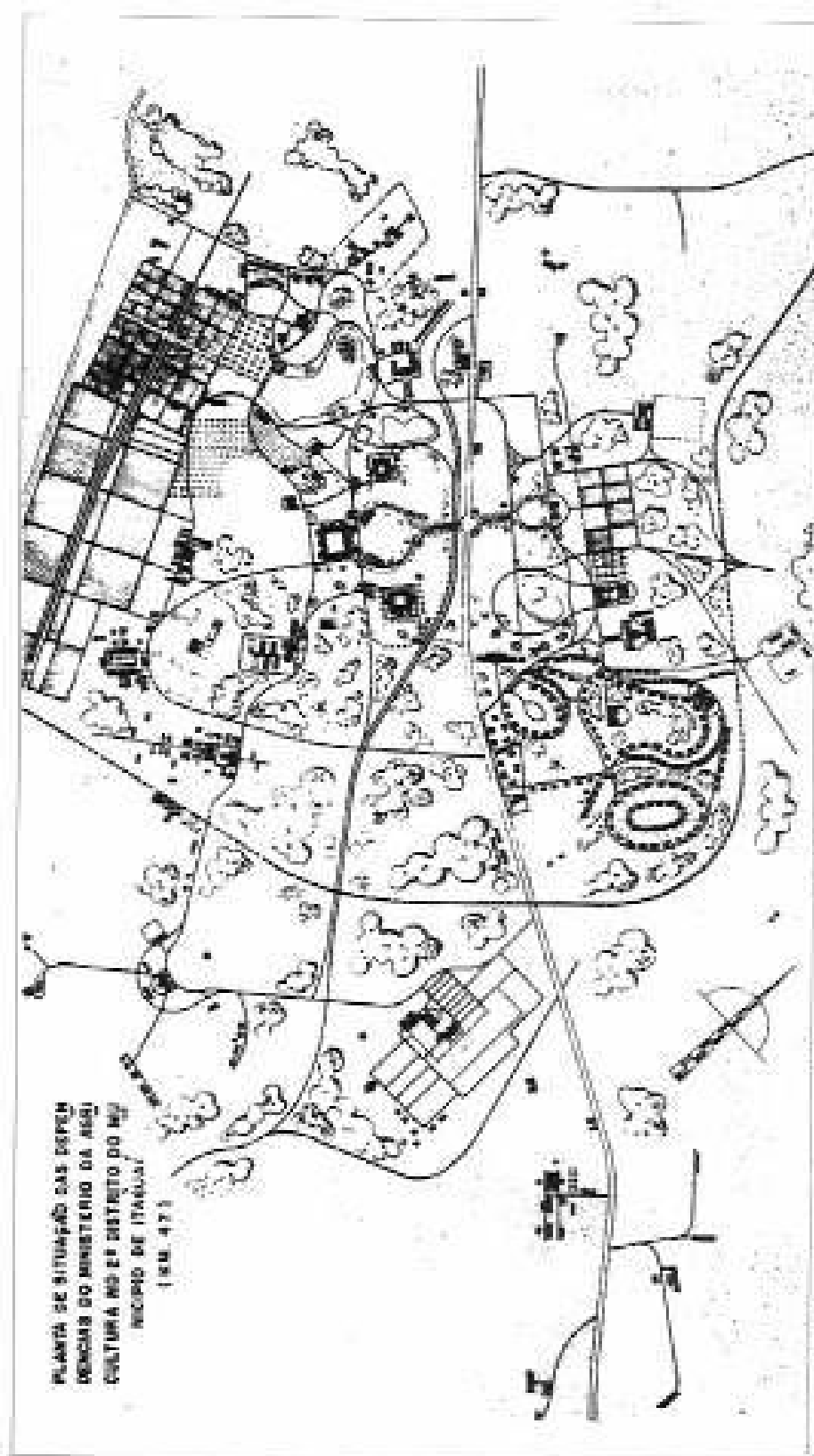


Figura 11. Implantação geral do campus da Universidade Rural, por Angelo A. Murgel junto à Comissão de Construção, já com os trabalhos da Superintendência dirigida pelo arquiteto Eduardo da Veiga Soares. Fonte: SOARES, Eduardo da Veiga. *Comissão de Construção do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas – Obra do Ministério da Agricultura no Município de Itaubá. Distrito de Seropédica, 1953.*

Greves e Henrique Vaz Corrêa, com os serviços de topografia, de fiscalização das construções e dos projetos de concreto armado. Murgel assumiu a direção da segunda, de arquitetura, responsável pela “...*elaboração dos planos, projetos e detalhes necessários ao normal andamento das construções, sob a orientação de programas fornecidos pela primeira comissão, e das solicitações ditadas pela necessidade da terceira comissão*” (SOARES, 1953). Participavam desta subcomissão os arquitetos Eduardo da Veiga Soares e José Teodulo da Silva. A administração da execução das obras foi contratada junto à firma Mario Waterly & Cia, com escritório em São Paulo.

O partido adotado foi definido em blocos, que concentravam atividades afins, dispersos pela área abrangendo as terras da fazenda transformada num imenso parque (Figura 12). Vários setores compreendiam o complexo distribuídos por seções. Conforme Costa (1940)

... de Avicultura, cujos edifícios formam uma cidade avícola, onde o ensino e a experimentação concorrerão para formar os técnicos e também para resolver os problemas avícolas de interesse econômico e científico; - a Sericultura, representada por 4 grandes edifícios, onde o bicho da seda e a sua indústria merecerão cuidados especiais, visando a difusão dessa riqueza no país; - As máquinas agrícolas e oficinas, onde serão estudados os importantes problemas de mecanização da lavoura, e as máquinas mais apropriadas aos nossos solos, além de preparar os técnicos nessa especialidade; a Zootecnia, está representada por vários edifícios e abrange extensa área, permitindo o eficiente ensino da arte de criar economicamente os animais domésticos e, finalmente, os edifícios escolares, em número de três, com os seus numerosos laboratórios e gabinetes, onde os estudantes adquirirão os métodos científicos e técnicos da moderna ciência agrônômica.

A implantação geral apresentava disposição setorizada com os blocos enquadrados de maneira simétrica numa perspectiva monumental. O arruamento foi definido de maneira a fazer a ligação entre os blocos com destaque para as alamedas de acesso principal a partir da rodovia. Os setores residenciais receberam um tratamento

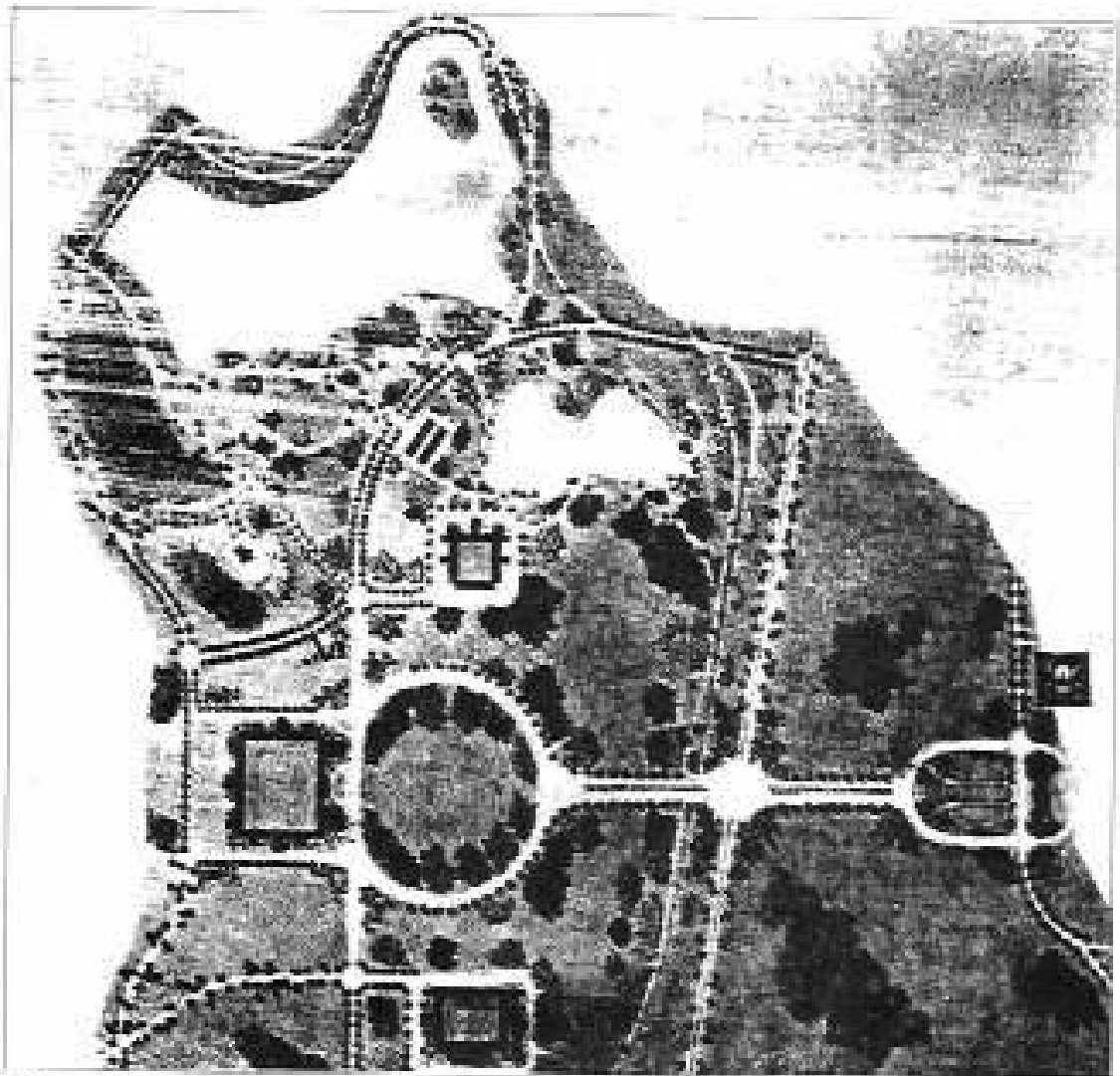


Figura 12. Implantação geral do campus da Universidade Rural, por Angelo Murgel, em 1938. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

diferenciado, algumas residências ligadas diretamente aos institutos, outras agrupadas por setor como foi o caso dos alojamentos estudantis e do conjunto de moradias de funcionários e professores separado das casas de trabalhadores. Os blocos institucionais foram dispersos pela área do campus, este atravessado pela rodovia (Figura 13). Parte do setor residencial foi disposto segundo um traçado adaptado à topografia com intensa arborização (Figura 14). Ainda foram projetados equipamentos como escola, clube esportivo e praças para atender aos funcionários e trabalhadores. As vias foram pavimentadas e tratadas com ajardinamentos e arborização. Outros serviços de infra-estrutura foram necessários, como o abastecimento de água e a captação de esgotos.



Figuras 13 e 14. Perspectiva e vista mostrando a implantação dos pavilhões e uma das zonas residenciais da Universidade Rural, Murgel. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O conjunto foi pensado de maneira monumental, o que possibilitava ao mesmo uma total dominância em relação ao terreno englobando a antiga fazenda (Figuras 15 e 16). Inicialmente foram projetados três pavilhões, o primeiro conjugando o curso de Agronomia, o segundo para as disciplinas relacionadas com a Química e o terceiro com a Biologia. A linguagem adotada para os blocos foi o neocolonial, com volumetria imponente em planta de disposição quadrada com pátio central. Assim se colocavam os projetos para os pavilhões 1, 2 e 3, correspondentes a estas unidades (Figuras 17, 18 e 19). A cobertura em telhado aparente era coroada por pináculos e frontões com volutas. Portadas de acesso foram definidas de maneira marcante intercaladas pela composição de chafarizes ornamentados. Os panos das aberturas em arco foram dispostos por meio de arranjos ritmados buscando um equilíbrio na relação entre os cheios e os vazios. Extensas galerias em arco com vasta ornamentação possibilitavam a ligação abrigada no interior dos pavilhões, por vezes possibilitando o acesso externo. Na parte interna, os pátios receberam tratamento paisagístico com formações diferenciadas e espelhos d'água, intercalados por pavimentação. As edificações ostentavam a importância da realização deste complexo universitário e centro de pesquisas pelo apuro nos seus acabamentos e emprego de materiais requintados. Foram projetados também, com a mesma linguagem e preocupação formal, vários blocos para abrigar os institutos, como os de Ecologia Agrícola, de Zootecnia, de Biologia Animal, de Avicultura, de Sericultura, de Meteorologia, de Apicultura e também uma Escola para Aprendizado Agrícola. Outras instalações gerais foram previstas, além de unidades esportivas e residenciais distintas, estas incluindo os alojamentos estudantis e as residências de professores e funcionários, bem como as casas de trabalhadores.

O Instituto de Ecologia Agrícola foi definido como um bloco único, em dois pavimentos, apresentando composição simétrica com marcação do eixo principal por meio de frontão ornamentado e acesso através de pórtico avançado e abrigado. O bloco era todo vazado com planos de fachada diferenciados e galerias cobertas no primeiro e no segundo andar. O Instituto de Zootecnia apresentava os mesmos

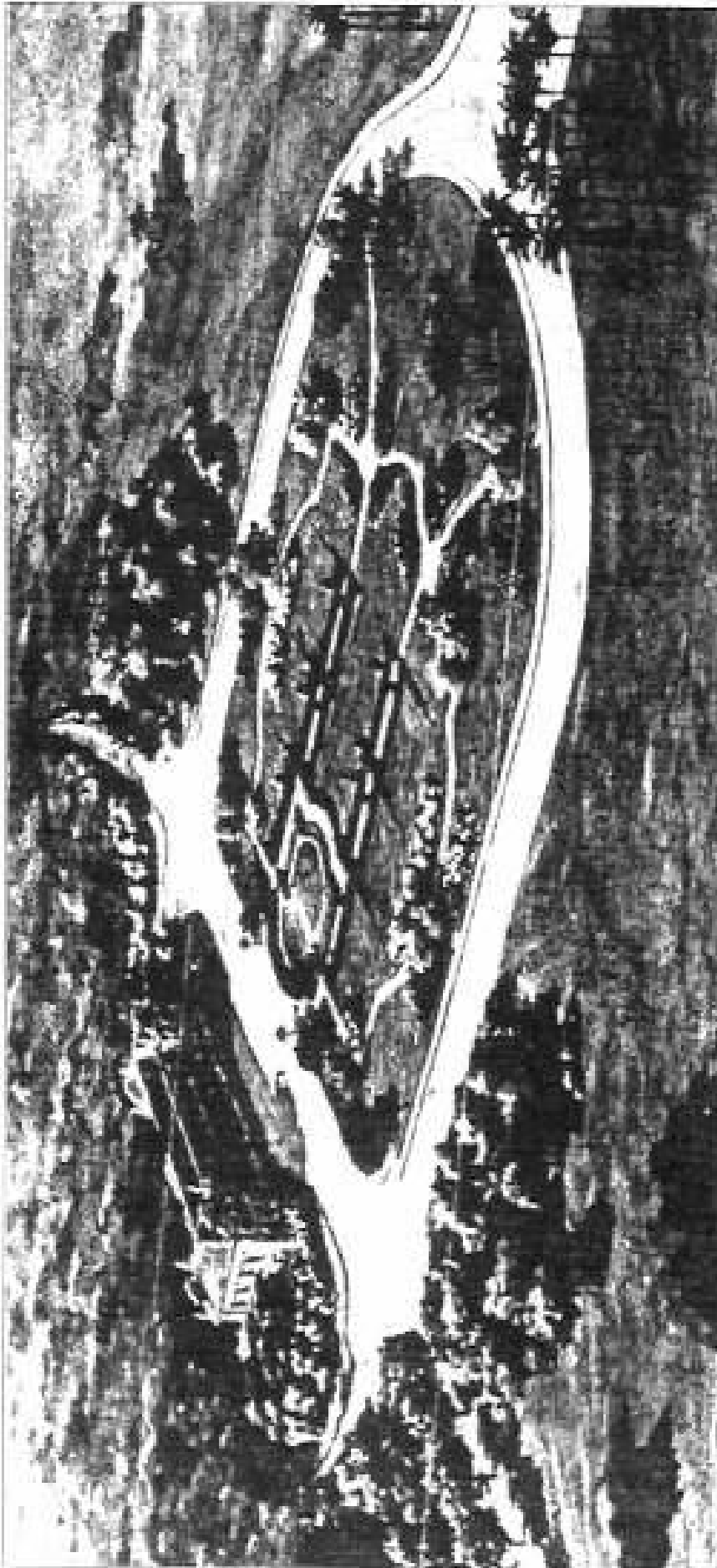


Figura 15. Perspectiva geral do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

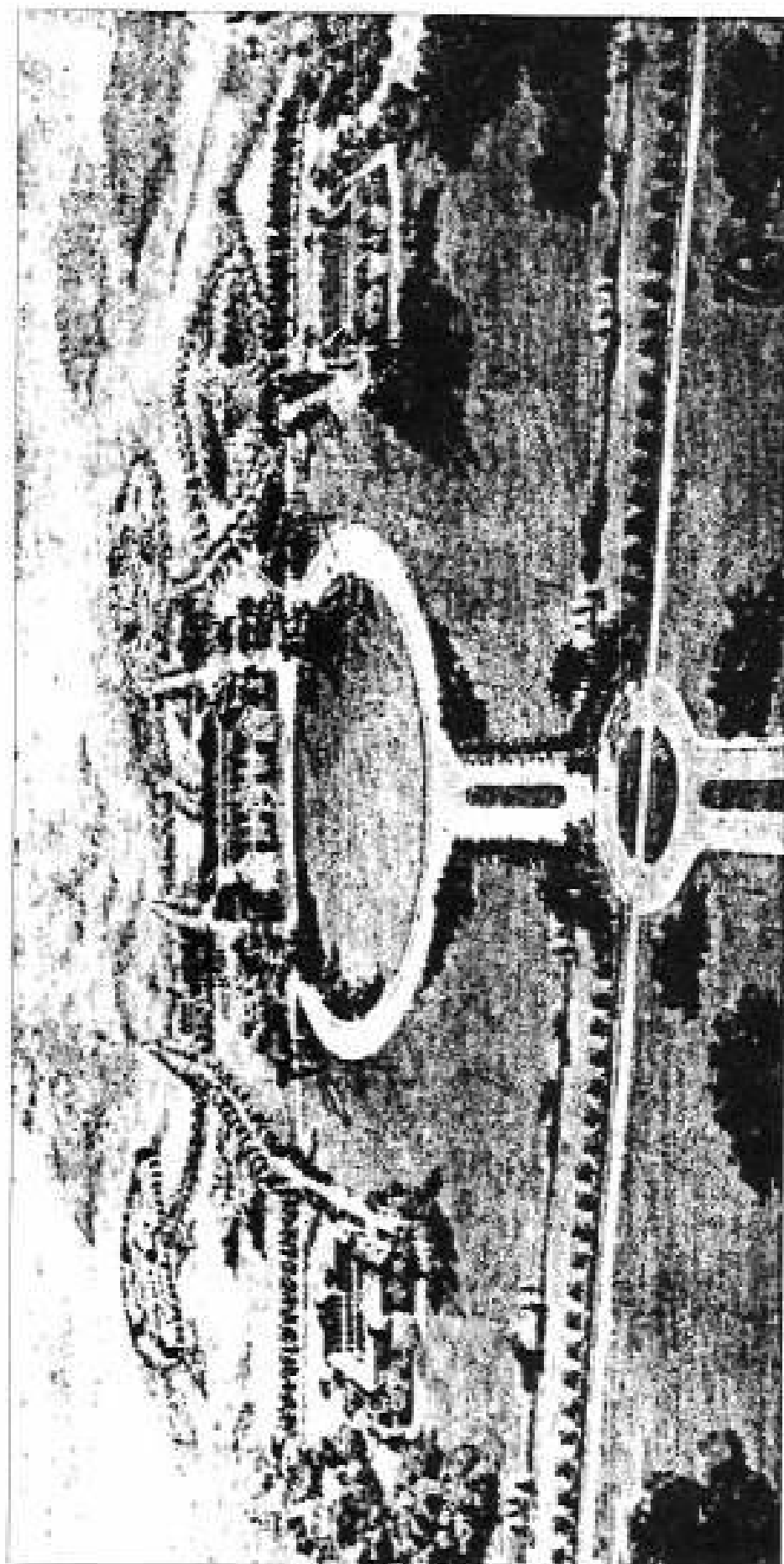
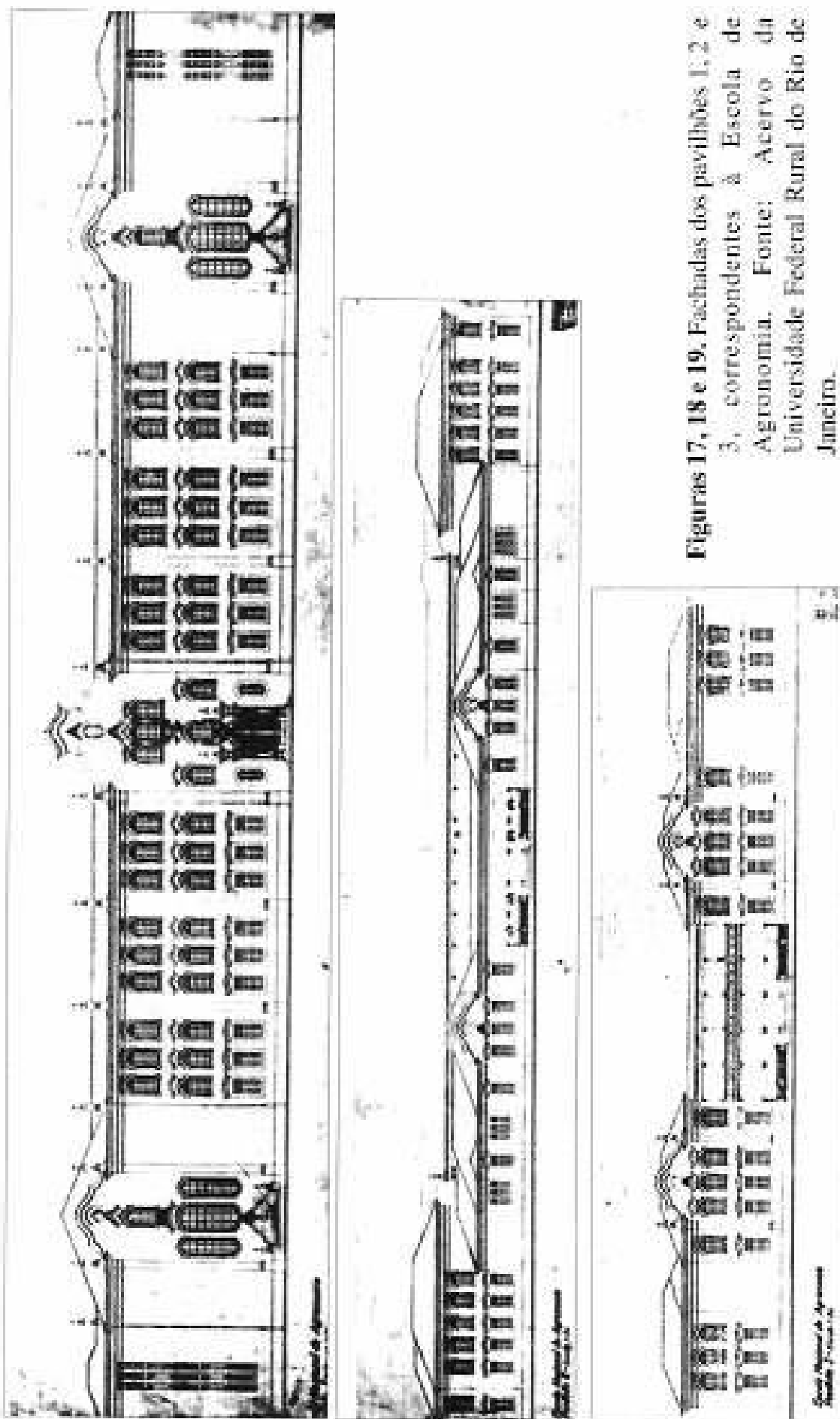


Figura 16. Perspectiva geral do campus da Universidade Rural. Fonte: Acervo da Universidade Rural.



Figuras 17, 18 e 19. Fachadas dos pavilhões 1, 2 e 3, correspondentes à Escola de Agronomia. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

componentes, definido em pavimento único. Os institutos seguiam esta conformação, com as adaptações necessárias em função dos programas diferenciados (Figura 20). A Escola de Aprendizado Agrícola apresentava partido em “U” com modulação ritmada das aberturas interrompida por vão em arco que marcava o acesso ao edifício. O tratamento diferenciado dado a este edifício composto de maneira assimétrica contrastava com a disposição dos outros blocos do campus. O pátio aberto também constituía um outro diferencial deste projeto seguramente desenvolvido por Murgel (Figuras 21 e 22).

A hierarquia funcional da universidade se reproduzia na definição destas moradias, tanto no tocante aos partidos arquitetônicos quanto ao uso dos materiais e acabamentos. As residências destinadas ao reitor da Universidade e ao diretor do CNEPA foram definidas de maneira isolada, contíguas à Escola de Agronomia, como verdadeiros palacetes. O rebuscamento da linguagem neocolonial ampliava a monumentalidade do conjunto constituído pelos pavilhões. O programa destas residências era extenso, incluindo quartos de hóspedes, abrigos de veículos e folgados acessos avarandados, além

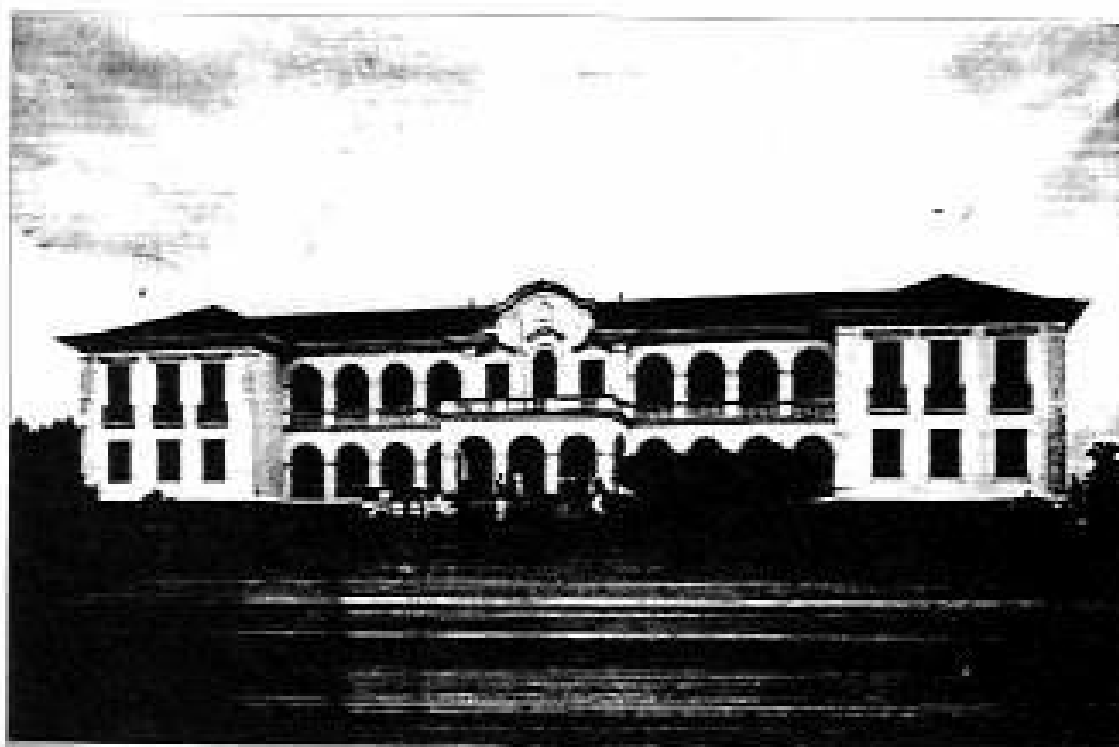
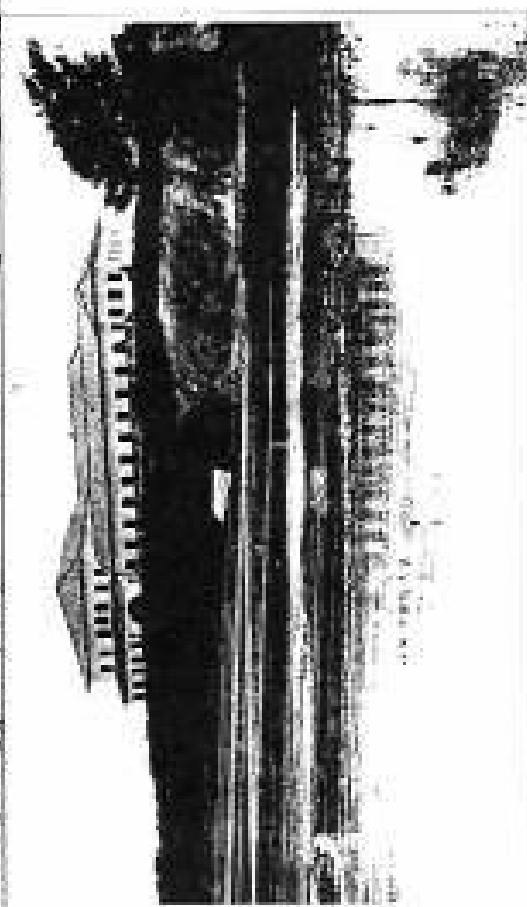
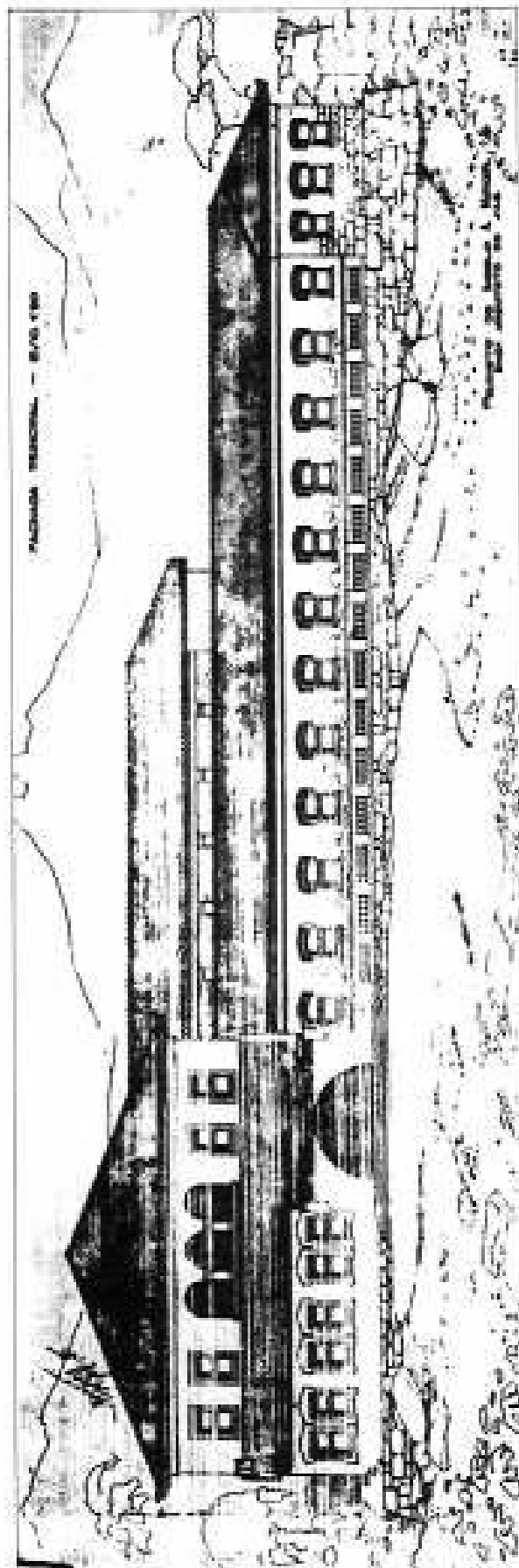


Figura 20. Vista do Instituto de Ecologia Agrícola, nos anos 40, atual prédio da PESAGRO/RIO. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



Figuras 21 e 22. Fachada da Escola de Aprendizado Agrícola, por Angelo A. Murgel, em 1939, e vista do prédio em 1940, atual Instituto de Agronomia. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

dos cômodos separados por áreas íntima, estar e serviços. O partido arquitetônico definido em dois pavimentos era composto por bloco único com planos diferenciados e telhados deslocados. Os conjuntos de casas para professores e funcionários eram muito mais simples, com telhados em duas águas e garagem anexa. Na parte frontal um vestíbulo de acesso foi definido pelo avanço da cobertura, como uma varanda fechada. Já os conjuntos de moradias para trabalhadores foram compostos através de casas mínimas, também definidas em partido de pavimento único com cobertura em duas águas (Figuras 23, 24, 25 e 26). No caso dos alojamentos para estudantes, estes foram dispostos em bloco único, com apartamentos individuais e coletivos, concentrados ao lado do refeitório numa diagonal em relação ao pavilhão principal destinado ao curso de Agronomia.

Em 1938 foram iniciados os trabalhos topográficos, de terraplenagem e a instalação do canteiro de obras. No ano seguinte, foram iniciadas diversas construções como os pavilhões escolares, os edifícios residenciais para o diretor e para a administração, bem como as edificações que abrigariam os órgãos complementares. As obras tiveram continuidade nos anos seguintes estendendo-se até as décadas de 50 e 60. No ano de 1941 várias construções já haviam sido concluídas, abrangendo as várias seções da Universidade e do CNEPA, e as obras de infraestrutura estavam bastante adiantadas. Já se encontravam concluídas as obras das seções de Sericultura, de Avicultura, de Oficinas, os institutos de Ecologia Agrícola e de Experimentação Agrícola, bem como a Escola de Aprendizado Agrícola, o Serviço de Meteorologia e alguns trabalhos de infraestrutura. Estes blocos institucionais incluíam instalações de apoio e residência, bem como a ambientação do parque e a criação de dois lagos. As obras continuaram nos anos seguintes, com a criação de uma Superintendência de Obras, tendo à frente o arquiteto Eduardo da Veiga Soares. Esta fase inicial da implementação do campus da Universidade Rural e do CNEPA revela de maneira detalhada a iniciativa por parte do governo em desencadear estes grandes projetos o que representou um momento dos mais importantes para o desenvolvimento do ensino e das pesquisas agronômicas, centrado em uma política de planejamento que se integrava com outras ações distribuídas pelo país.

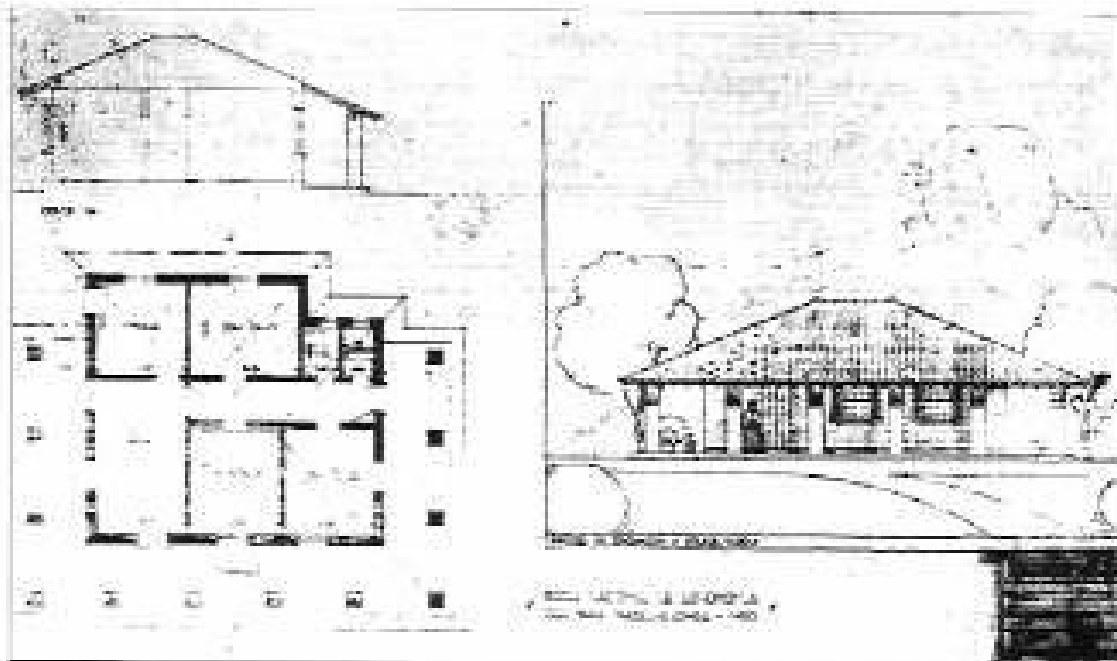


Figura 23. Casa para Trabalhadores em construção nos anos 40. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



Figura 24. Vista da residência para professores e funcionários. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

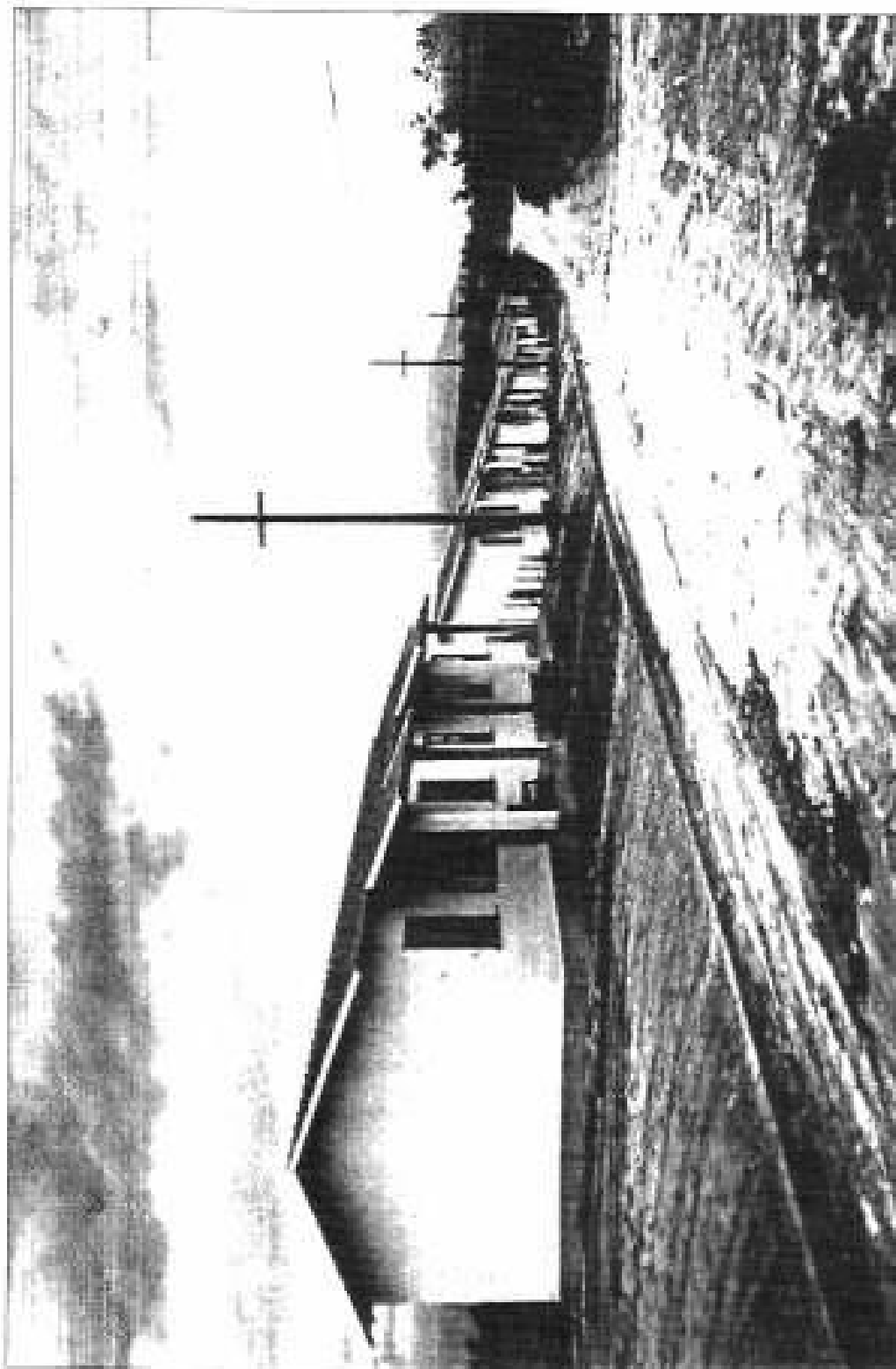


Figura 25. Vista do conjunto de casas para trabalhadores da Universidade Rural. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

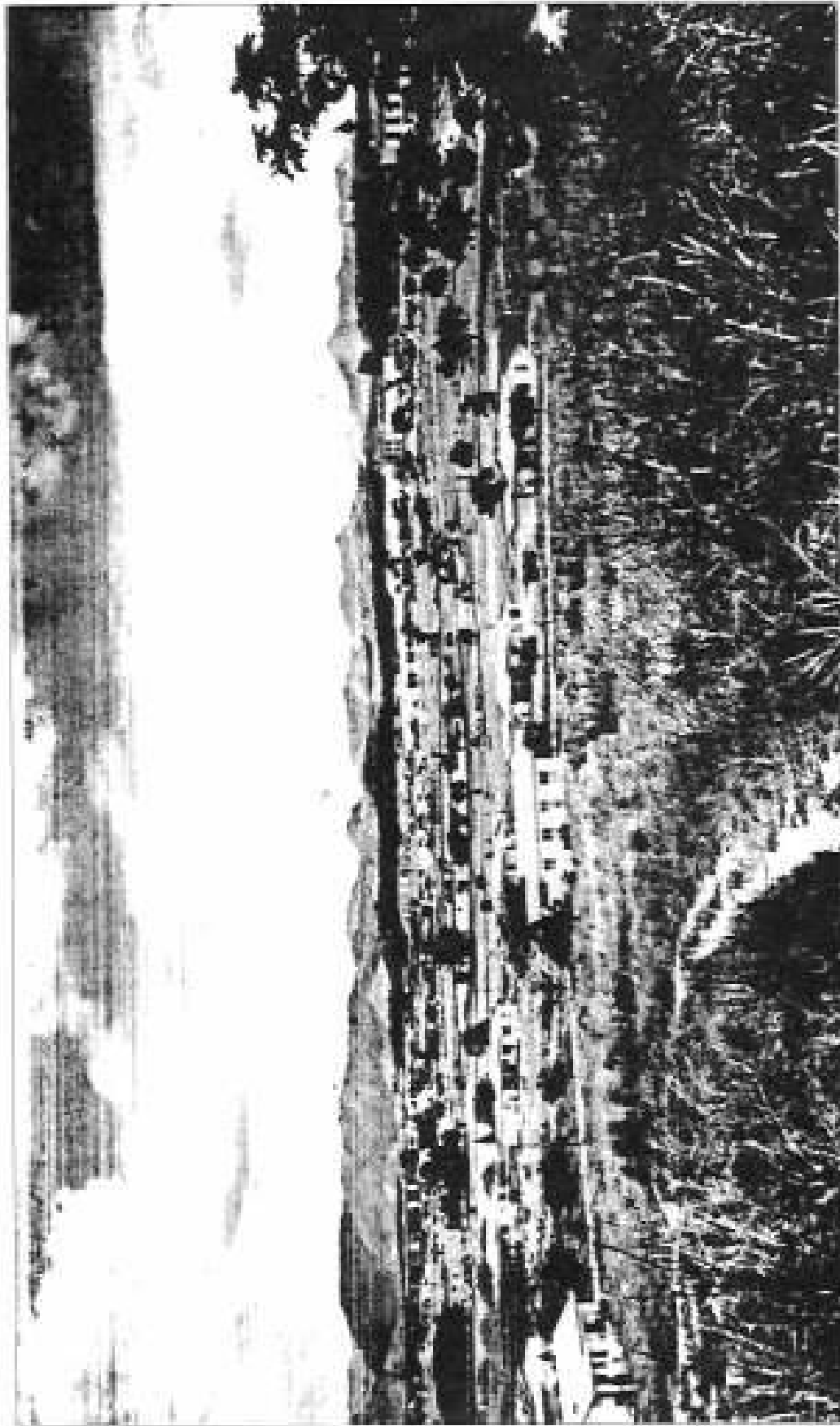


Figura 26. Vista do conjunto de casas para professores e funcionários da Universidade Rural. Fonte: Acervo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Os projetos desenvolvidos para as sedes dos Parques Nacionais foram definidos a partir de um plano de conjunto incluindo diversas instalações, para permitir o funcionamento dos mesmos como centros de estudo, de educação e de entretenimento. A criação dos parques integrava as ações do Ministério da Agricultura, no tocante à conservação dos recursos naturais. Para o arquiteto Angelo Murgel era mais uma oportunidade para colocar em prática as suas idéias arquitetônicas e urbanísticas. As dificuldades relacionadas às fontes referentes ao assunto levaram Murgel a desenvolver estudos e pesquisa ampla para desenvolver as suas propostas.

De acordo com Murgel (1945) o parque era considerado de modo mais abrangente. Além da idéia comum de “...*horto botânico, de bosque ou jardim, de reserva florestal, cuja diferença dos seus congêneres urbanos residisse mais na escala de suas proporções e na obrigatória localização em regiões afastadas dos grandes centros, que em qualquer outra razão de diferenciação essencial, o que não é exato.*” Outras funções estavam relacionadas com os parques, além das atividades de pesquisas botânicas ou de proteção e de reservas florestais, como o uso, o entretenimento e a educação da população. Na implementação dos parques, de acordo com a experiência norte-americana, Murgel ressaltava a necessidade prévia de um estudo cuidadoso, “...*por uma equipe de técnicos de tôdas as especialidades a fim de se constituir o 'master plan', plano diretor.*” (MURGEL, 1945)

Para Murgel (1945), o projeto dos parques envolvia um trabalho contínuo e homogêneo,

... em trabalhos de tal natureza os erros se não corrigirem e qualquer medida estranha aos estritos interesses do Parque podem comprometer definitivamente a obra. É necessário que se reúna um grupo de zoólogos, botânicos, arquitetos, engenheiros, paisagistas, etc., com pendores pessoais para esse assunto, a fim de que se constitua a escola brasileira de parques nacionais, de que se erie entre nós a mentalidade própria do colaborador de parque, com que se poderá então, dispendo de necessária

- * *autonomia administrativa, promover com sucesso a formação dos nossos parques.*

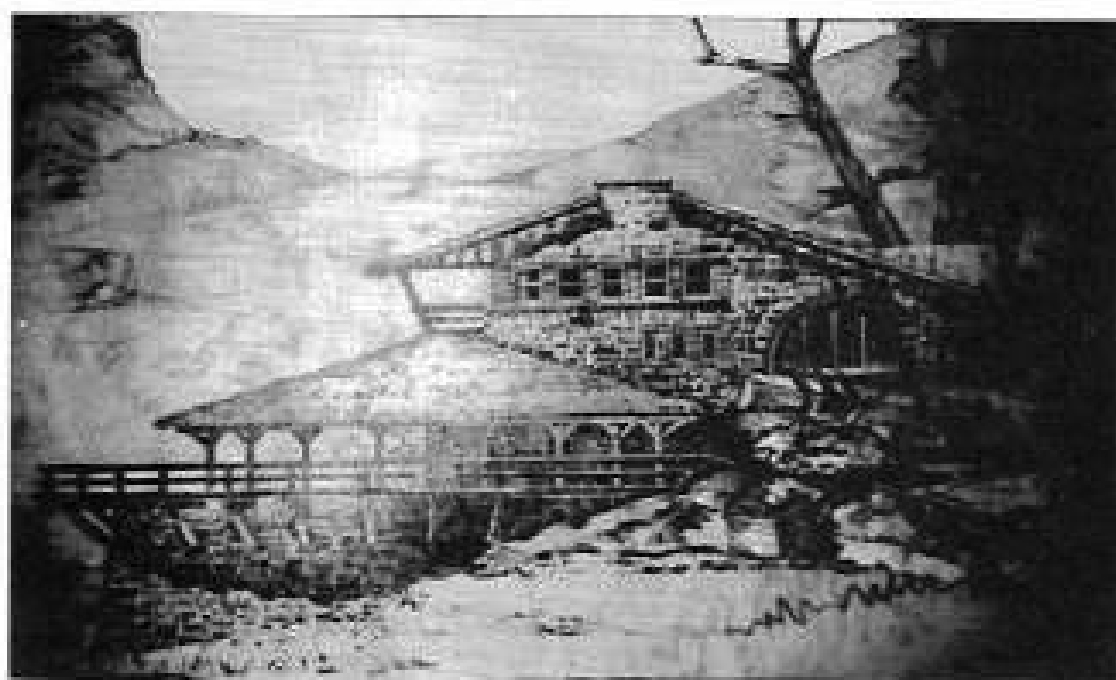
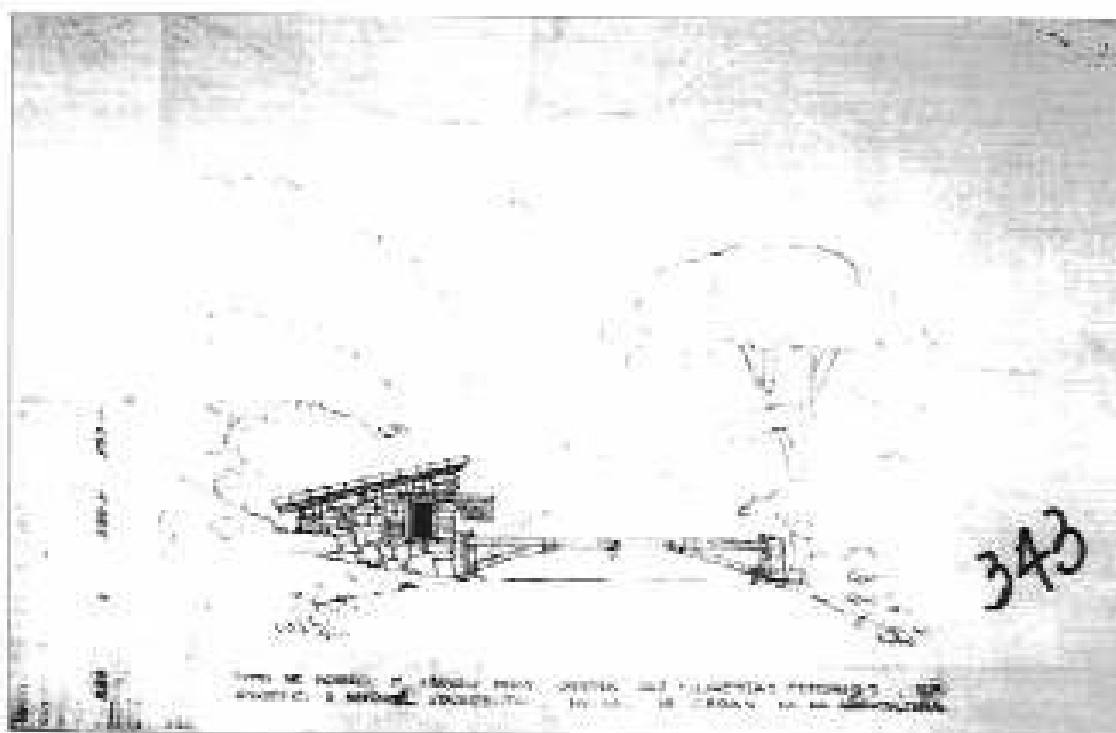
Como em trabalhos anteriores, Murgel fazia parte de uma comissão encarregada do planejamento global dos parques. No caso do Parque Nacional do Itatiaia a comissão subordinada ao Ministério da Agricultura era composta pelo Diretor de Serviços de Estradas de Rodagem, do Ministério da Viação e Obras Públicas, do Diretor do Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural do Ministério da Justiça e do Superintendente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, do Ministério da Agricultura. No projeto destes conjuntos, Murgel (1945) afirmou:

...o que se procura e o que se deve preservar é exatamente o caráter original dos panoramas e aspectos. Por isso uma estrada interna de um parque nacional não precisa se subordinar às leis e preceitos rodoviários, mas aos de paisagismo; rampas suaves obtidas ao preço de grandes cortes, de desmontes ou aterros devem ser preteridas por outras de condições de tráfego inferiores mas que não causem tais danos nem firam a terra a ponto de tirar-lhe o interesse e a beleza. Uma árvore pode ser deixada no eixo da estrada, uma curva pode ser menos técnica, mas as suas obras de arte devem harmonizar-se com a natureza e aproveitar-se dos materiais da região a fim de que nela não pareçam estranhas.

Os planos desenvolvidos consideravam programas semelhantes, em função da dinâmica dos parques, abrangendo serviços e moradias, hospedagem, centros de estudos e lazer. No caso do Iguaçu, Murgel projetou também o aeroporto.

A implantação geral envolvia o traçado de uma via de penetração que conduzia às diversas instalações, com vias secundárias para acesso local. Para a composição das edificações e equipamentos, assim como para a abertura do sistema viário, buscou-se uma adequação à topografia do lugar. Na linguagem empregada para o conjunto arquitetônico, cujas construções foram dispersas pelas áreas dos parques, predominava o neocolonial, cujas origens remontam à tradição construtiva brasileira, particularmente no repertório da arquitetura colonial portuguesa. Além de ter feito uma opção por

esta linguagem, Murgel acrescentava materiais e acabamentos rústicos enfatizando o vínculo destes componentes ao lugar. Tanto para os equipamentos quanto para as moradias de técnicos e diretores, bem como abrigos e alojamentos, a concepção seguia esta orientação (Figuras 27, 28 e 29). A exceção ficava por conta das moradias de trabalhadores projetadas com simplicidade, com



Figuras 27 e 28: Projetos elaborados por Angelo Murgel para os parques nacionais. Fonte: Acervo da Biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia.

programa mínimo composto por quartos, cozinha e banheiros, e cobertura em duas águas. Além disso, Murgel ressaltava a necessidade de se “...obedecer estritamente às condições mesológicas e apresentar um caráter e aspecto ‘sui generis’, o aproveitamento dos materiais locais e dos próprios sistemas consagrados pelo bom senso popular da região impõe-se ao profissional, cumprindo-lhe compor suas construções, com tais elementos, dentro das formas gerais estabelecidas para os parques” (MURGEL, 1945).

Para Murgel (1945) os atributos de racionalidade e funcionalidade se colocavam “...dentro da sua verdadeira aceção, sem falseamento ou compromissos dos inexplicáveis e injustificáveis grupos partidários em matéria de arquitetura; o trabalho deverá ser feito com essa simplicidade e com essa naturalidade com que o homem nos seus estágios mais primitivos sempre resolveu o problema de suas habitações.” Apenas o essencial, em termos de materiais, deveria ser trazido de fora, tendo em vista que os principais componentes para as construções eram obtidos “... ‘in loco’ lançando mão dos recursos regionais e aplicando-os de modo a obter o máximo efeito, consoante uma técnica adequada.” A comodidade da composição, bem como o conforto das edificações, estavam centrados no aspecto de rusticidade. Os planos para os parques consideravam estes princípios aplicados para a harmonização dos conjuntos, independente de se tratarem de edificações ou obras de arte, como pontes, aquedutos, ou mesmo bueiros. (Figura 30) Murgel buscava, com isso, uma adequação do partido definido para os parques com o seu entorno natural. Assim,

...os interessantes efeitos dos madeiramentos brutos, empregados quase que ‘in natura’, deixando visíveis os sinais da ferramenta que os trabalhou na mata, as telhas assinaladas pelas impressões digitais dos oleiros, as pedras rústicas, de aparelhamento ‘opus incertum’, encangicadas, ora com os retalhos da própria exploração da pedra, ora com seixos rolados dos ribeiros vizinhos, são aspectos que sempre encantam e suggestionam quantos visitam as obras dos nossos parques nacionais. Critério e discernimento são escalas que deverão sempre pautar o

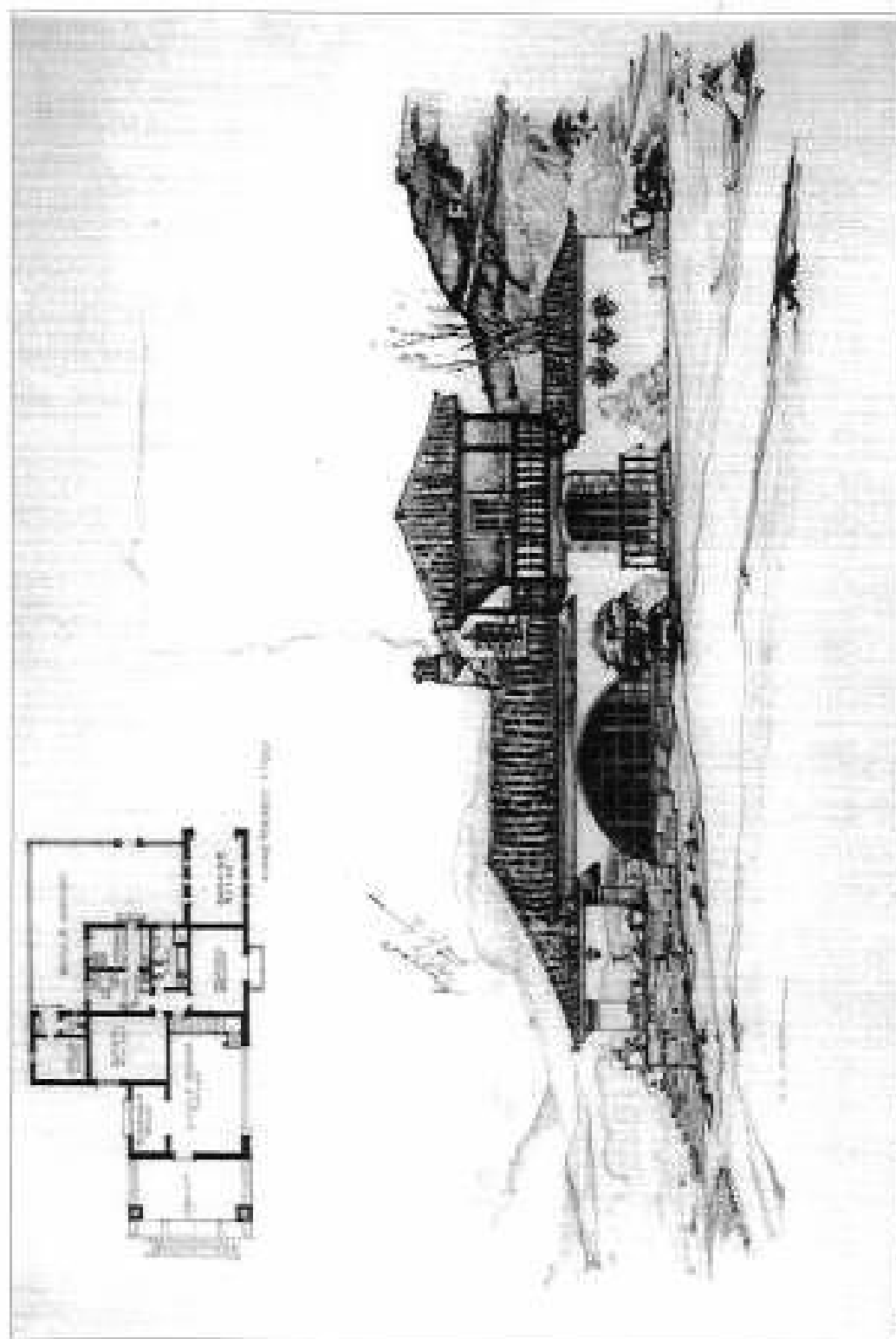


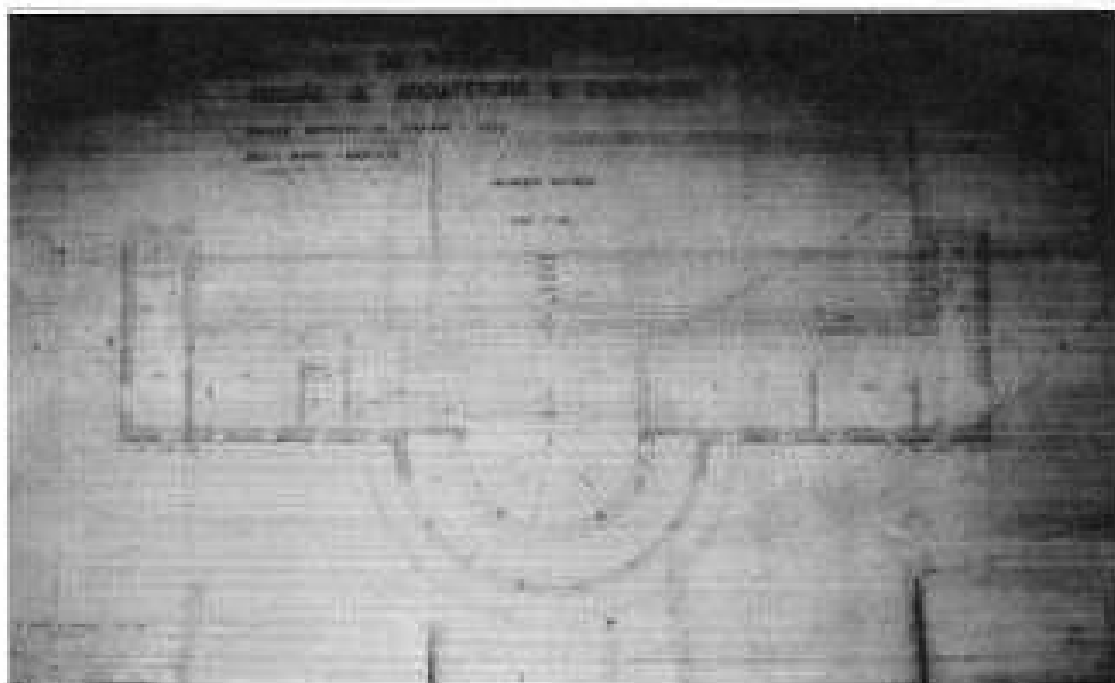
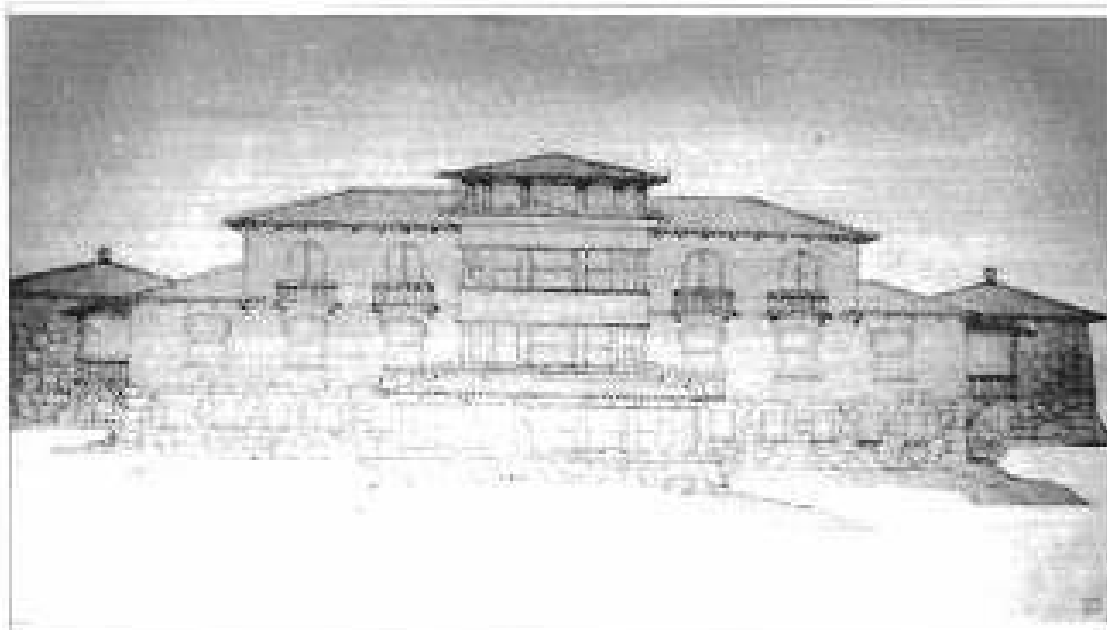
Figura 30. Projeto de casa para administradores de parque, por Angelo A. Murgel. Fonte: Acervo pessoal de Angelo A. Murgel.

seu emprêgo, dosando-os e juntando-os em associações felizes e lógicas, onde o observador sinta o acêrto das soluções e a convicção de que não teria procedido de outro modo se a êle competisse fazê-lo (MURGEL, 1945).

A sede do Parque Nacional do Itatiaia foi assentada em Monte Serrat, a 831 metros acima do nível do mar, já na Serra do Itatiaia, no mesmo local das instalações da Estação Biológica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que antecedeu ao Parque. O termo "Itatiaia" nos remete à idéia de um penhasco cheio de pontas, relacionado com o aspecto maciço do topo mais alto da Serra das Agulhas Negras. O conjunto planejado envolveu um edifício-sede, concentrando os serviços de administração, técnicos e auxiliares, os estudos botânicos, zoológicos e geológicos, o auditório, a biblioteca, o museu e o centro de informações. Ainda foram projetados abrigos para visitantes, moradias, pavilhões de oficinas e almoxarifado, escola e igreja. Em 1940, o edifício-sede já estava concluído, sendo que a implementação do plano geral dependia de inúmeras desapropriações de terrenos encravados na área destinada ao parque.

Conforme Barros (1955) o edifício-sede, hoje centro de visitantes, foi definido em bloco único assentado numa encosta dominante, configurava um "*...moderno e adequado prédio, no qual funcionam os serviços administrativos, técnicos e auxiliares, direção, secretaria, biblioteca, estudos botânicos, zoológicos e geológicos, além de contar com salas para projeção e conferências, museu e centro de informações.*" Este edifício, em quatro pavimentos localizado numa encosta, contava ainda com apartamentos para hóspedes e biblioteca. (Figuras 31, 32, 33 e 34) O acesso principal a esta edificação era feito por pórtico circular como um grande átrio abrigado. Na parte posterior o acesso também era abrigado, através de galeria-varanda que possibilitava a ligação entre os diversos compartimentos. Nos pavimentos superiores a visão se projetava sobre a área do parque, em particular no terraço-mirante definido por Murgel.

Os abrigos para os visitantes, tanto na área próxima à administração, quanto nos pontos mais altos do parque, não apresentavam a mesma imponência e monumentalidade que caracterizou a concepção do edifício-sede. Estes abrigos eram



Figuras 31 e 32. Fachada e planta do projeto para o edifício-sede do Parque Nacional do Itatiaia, por Angelo A. Murgel, em 1940. Fonte: Biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia.



Figuras 33 e 34. Vistas do edifício-sede do Parque Nacional do Itatiaia, por Angelo A. Murgel, em 1940. Fonte: Biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia.

marcados pela rusticidade e despojamento no tratamento e emprego dos materiais, como construções utilitárias que serviam de pousada, como refúgios coletivos com dormitórios, banheiros e áreas de serviço, incluindo cozinhas. Assim foram dispostos os abrigos Massenas, Rebouças e Lamego.

Para os outros equipamentos como oficinas e pavilhões de apoio, foram seguidas estas mesmas orientações no tocante ao emprego e tratamento dos materiais. Construções alongadas para atender ao programa necessário com cobertura em duas águas marcavam o partido destas edificações. Revestimentos de pedra, madeiramentos aparente, dentre outros componentes, davam o caráter de rusticidade acompanhando a linguagem estabelecida para o conjunto (Figura 35).

As moradias dispersas pela área do parque revelavam a hierarquia funcional, na estrutura de trabalho do conjunto ecológico. As casas serviriam para a acomodação do administrador do parque, dos funcionários e trabalhadores, bem como de pesquisadores. A começar pela residência do administrador marcada por apuro e sofisticação no emprego dos materiais e acabamentos. O projeto



Figura 35. Vista do pavilhão de oficinas. Fonte: Biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia.

foi definido em linguagem neocolonial com telhado aparente e beirais, além do pátio que avarandado que fazia a ligação dos compartimentos. A edificação apresentava partido em blocos defasados o que reforçava o contraste da sua presença na paisagem natural do parque. Acrescida a esta composição a solução fragmentada do telhado conferindo movimento ao volume definido para esta moradia. O programa incluía quartos de hóspedes, salas e garagem, composto pela articulação de extensos ambientes. Já as moradias de funcionários, pesquisadores e trabalhadores apresentavam um programa bem mais reduzido. O partido composto em bloco único com cobertura em duas águas dava a estas residências o aspecto de uma casa campestre, como um "chalé". A rusticidade era enfatizada pelo emprego de madeiramento aparente sem aparelhamento. As casas dos trabalhadores apresentavam maior simplicidade sem uma preocupação com os detalhes arquitetônicos, como estampado nas anteriores, e com os compartimentos mais reduzidos. Para estas moradias, tanto as de funcionários e pesquisadores, quanto as de trabalhadores, o telhado se prolongava na parte frontal conformando um alpendre de acesso. (Figuras 36 e 37)

Já em 1955, Murgel desenvolveu o projeto para uma capela rústica a ser instalada no parque (Figuras 38 e 39). A proposta não construída, apresentava partido definido em bloco único com telhado em duas águas e níveis diferenciados, marcada pelo volume da torre para os sinos. O partido adotado revelava o emprego de uma linguagem adaptada ao lugar, como esboçado nos projetos anteriores, pela utilização de materiais e acabamentos rústicos. Além da igreja não construída, o mesmo ocorreu com a escola, sobre a qual não foi possível identificar dados do projeto.

A realização do Parque Nacional do Itatiaia antecipava a discussão sobre a necessidade da preservação do meio ambiente para as gerações posteriores. O conjunto projetado revela soluções técnicas pensadas numa perspectiva global considerando as peculiaridades locais, em função dos aspectos relacionados com o lugar. O longo intervalo de tempo decorrido, que nos separa, no presente, das primeiras medidas para a incorporação deste patrimônio

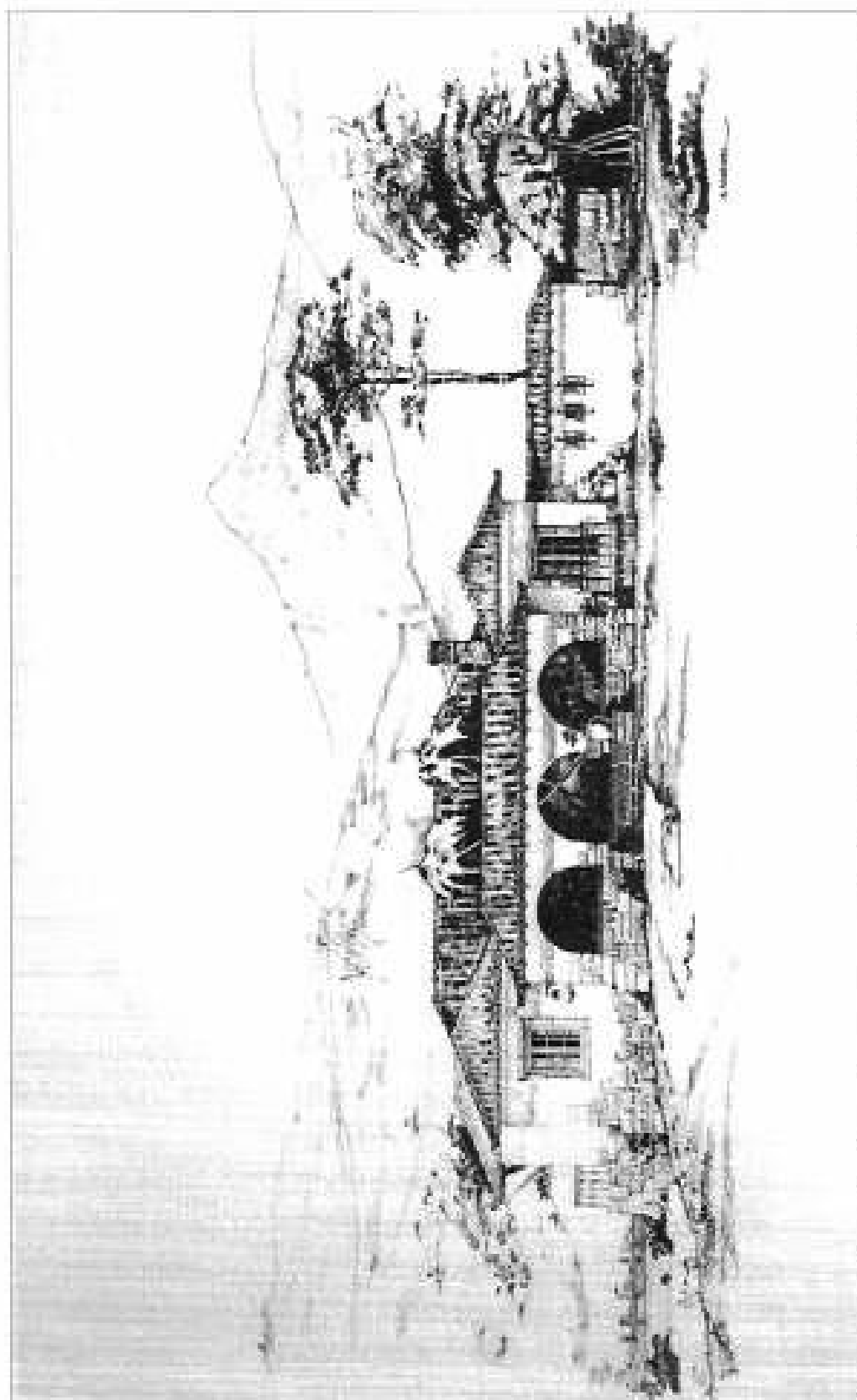


Figura 36. Fachada do projeto para a casa do administrador do Parque Nacional do Itatiaia, por Angelo A. Murgel, em 1940. Fonte: Acervo pessoal de Angelo A. Murgel.

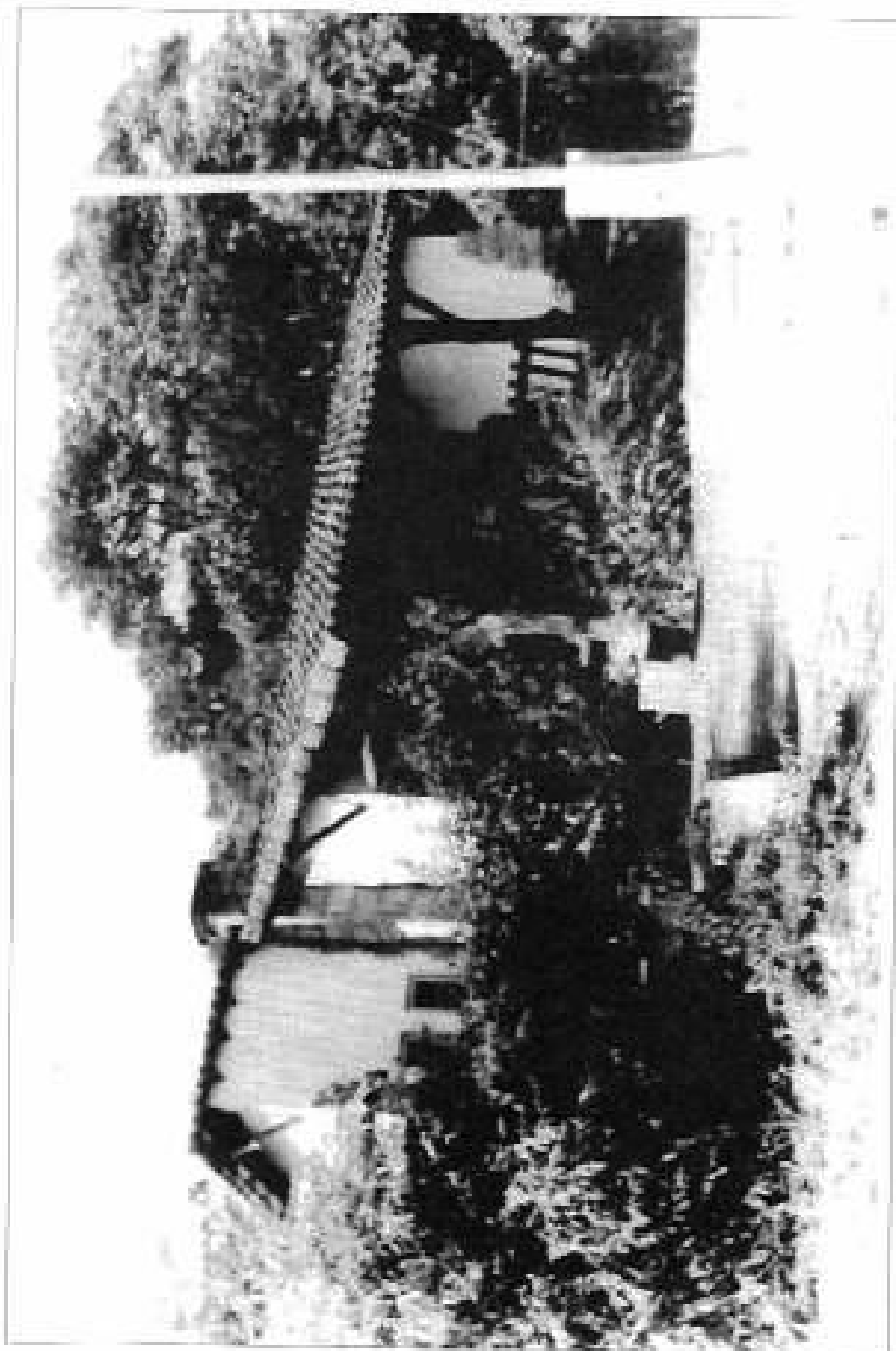
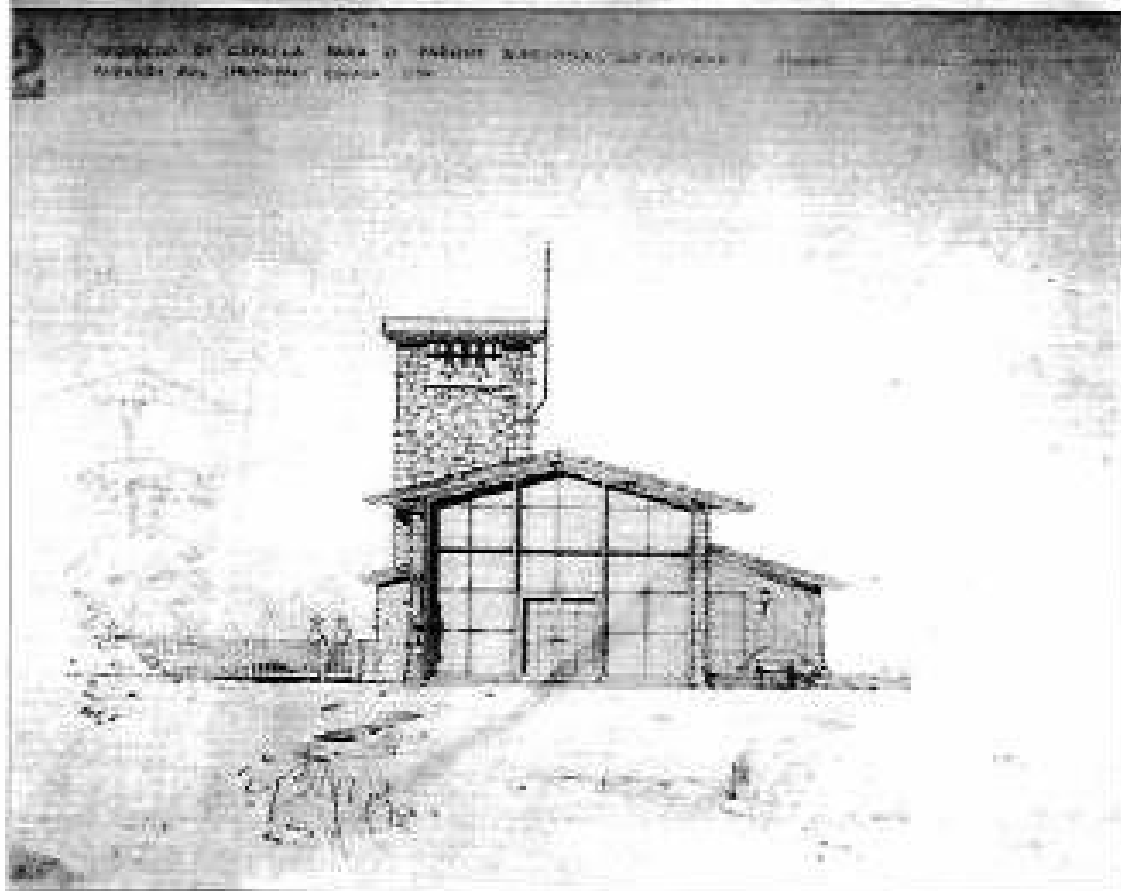
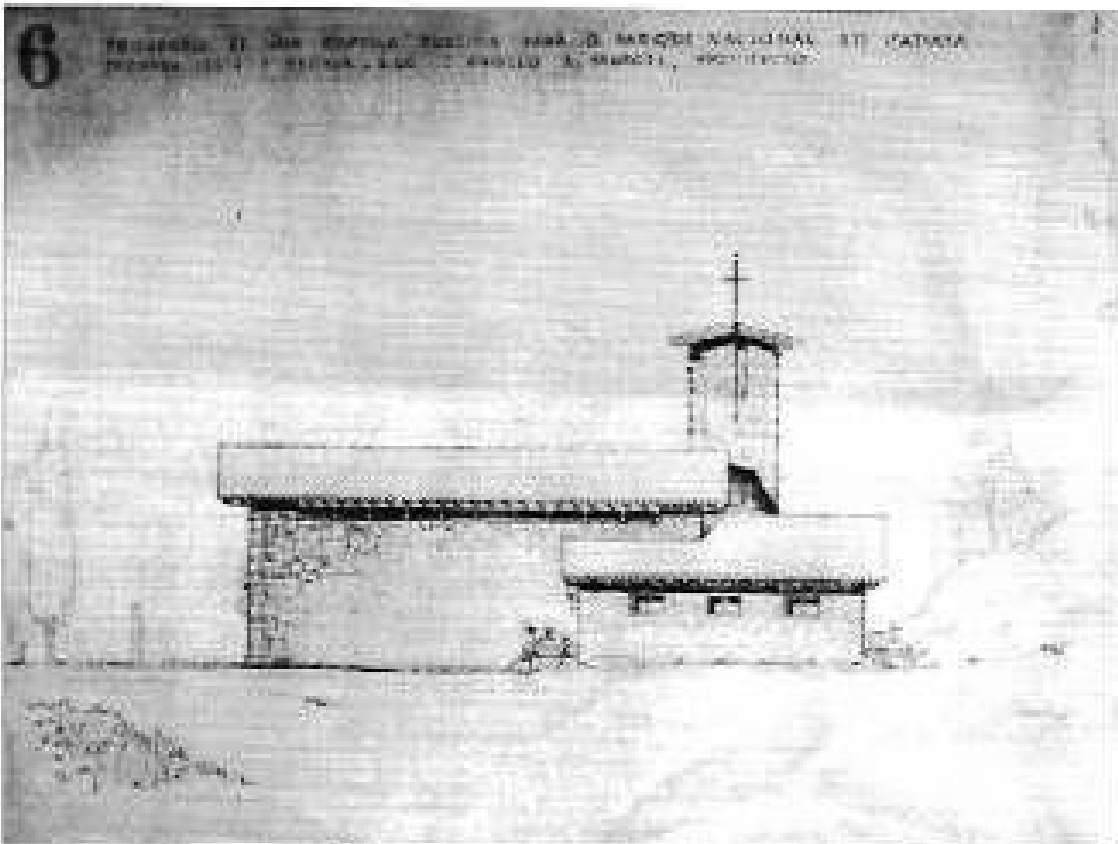


Figura 37. Vista de casa de funcionário do Parque Nacional do Itatiaia, por Angelo A. Murgel, em 1940. Fonte: Acervo pessoal de Angelo A. Murgel.



Figuras 38 e 39. Fachadas do projeto de Capela Rústica para o Parque Nacional do Itatiaia, por Angelo A. Murgel, em 1955. Fonte: Biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia.

natural como um bem coletivo não faz perder de vista os seus objetivos iniciais, "...tudo deverá ser feito para transformá-los em santuários de beleza, em hinos à Pátria, à Natureza e à Criação, para que nêles possam ser admiradas a flora e a fauna em sua vida e 'habitat' naturais e para que as maravilhas panorâmicas não percam o seu aspecto primitivo e original. Tal será a função daqueles a quem foi confiada a difícil tarefa" (MURGEL, 1945). E esta tarefa persiste na atualidade, com a complexidade dos problemas ampliada. A consideração destes princípios que nortearam a formação dos primeiros parques, em particular do Parque Nacional do Itatiaia, se insere, assim, na realidade atual, tendo em vista a conservação destes conjuntos enquanto patrimônio natural e construído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos desenvolvidos pelo arquiteto Angelo Murgel foram marcados por um forte apelo aos componentes estéticos, revelando a sua formação acadêmica centrada nos problemas artísticos de composição arquitetônica pela Escola Nacional de Belas Artes. Como verificou-se, Murgel teve uma atuação intensa, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro tendo desenvolvido várias propostas de conjunto de edificações atreladas a planos gerais. Nestes projetos urbanísticos, como no campus da Universidade Rural e na sede do Parque Nacional do Itatiaia, Murgel ensaiava soluções técnicas aplicadas na composição dos edifícios e na organização das cidades. Estas últimas caracterizadas por implantações de núcleos urbanos em áreas rurais. Prevalencia nestas propostas um ideal de cidade composto pela dispersão dos conjuntos edificados em meio ao verde e por arruamentos adaptados ao sítio. Além disso, para Murgel, as questões referentes ao urbanismo incluíam o uso de uma linguagem arquitetônica moderna, na qual preponderavam os atributos de racionalidade e funcionalidade. Na abordagem dos problemas urbanos os aspectos técnico-construtivos e de composição compareciam em primeiro plano. Neste sentido, Murgel não desprezava as idéias urbanísticas que circulavam pelos fóruns de conhecimento, buscando reintroduzir as soluções em função das peculiaridades regionais e especificidades de cada caso estudado.

Conforme Murgel (1940), a profissão do arquiteto se distinguia em relação às demais, particularmente da engenharia, pois "*...a verdadeira função do arquiteto é a de criar. Criar utilidade e beleza. Todas as suas obras são concebidas para satisfazer inúmeras necessidades do homem, e satisfazel-as cada vez melhor, physica, moral, social e espiritualmente.*" E esta criação serviria tanto para a abordagem da arquitetura, entendida como um ramo da engenharia, quanto para as questões referentes ao urbanismo, este como uma especialização profissional. Neste sentido,

o arquiteto deveria “...retomar a sua posição de ‘chefe’, que o próprio nome lhe confere, mas tomá-la com a autoridade do saber e da cultura. Não basta a presunção. Nossa época nos fornece o campo mais vasto de realizações arquitetônicas jamais imaginado e a ciência, a indústria e a técnica evoluída de nossos dias nos armam de recursos os mais fartos.”

A arquitetura moderna para Murgel deveria ser condicionada ao meio, ao tempo, à estática, como “...arte e ciência de conceber e construir os abrigos necessários e próprios às múltiplas atividades da vida do homem, da maneira a mais fácil, a mais estável, a mais durável, a mais cômoda, a mais econômica e a mais bela, em perfeita correspondência com seus ideais, hábitos e habitat.” A referência ao pensamento de Frank Lloyd Wright era recorrente, no sentido da resolução dos problemas arquitetônicos, “...para cada região do globo terrestre deve haver uma expressão particular da architectura, que corresponda às necessidades peculiares daquela zona, attendendo aos diversos factores (...)” Além de uma visão apoiada em Wright, Murgel nos remete também ao pensamento de Viollet-le-Duc, Walter Gropius, Herman Muthesius, dentre outros. Murgel seguia as teses do movimento moderno referentes à standardização dos componentes arquitetônicos, bem como à idéia da abolição da ornamentação externa em prol da essência das obras. Esta última revelada pelo uso dos materiais aparentes, tirando partido de uma tecnologia avançada. Segundo Murgel (1932).

...é innegavel a necessidade da criação de um novo typo de architectura, consoante com a nossa vida, com nossa geração, donde resultará uma belleza, que será própria á nossa era, e que a exprimirá. A architectura classica, por sua maneira de constituição, nas diversas epochas, servirá para chegarmos a esse ideal moderno, conduzindo as tendencias artisticas para a ‘standardisação’ sensata e logica que fará do nosso trabalho obra segura e definitiva. E era da responsabilidade dos arquitetos ...por um determinismo profissional, legar às gerações vindouras uma obra que nos honre e nos faça dignos de nossa civilização. Que o ‘ESTILO QUADRO RÍGIDO’, como poderá com propriedade ser chamado de futuro o nosso

modo particular de criação arquitetônica, possa figurar sem desdouro para nossa geração, na série das obras primas da Humanidade, como o retrato da inteligência, da Arte e da Vida do século XX."

Entretanto, Murgel via com restrições o uso do vidro por considerar este material inadequado para as condições do nosso meio, "*...que não permite a 'architectura do vidro' tão propria para a Europa, e que é algumas vezes imitada por aqui, sob o rotulo de 'estyllo moderno'.*"

Estes conceitos relacionados com a arquitetura sempre eram repassados por Murgel, que enfatizava os elementos ligados à arte de construir. Através de pontos de vista distintos, incluindo-se idéias filosóficas, apoiado em tratadistas como Vitruvius e Alberti e filósofos como Platão e Aristóteles, Murgel (1932) definiu o seu ofício ressaltando que "*...não é sufficiente, portanto, como se affirma, que uma construcção, para ser considerada como obra de architectura seja feita de bom material, que tenha seus elementos de sustentação bem calculados, a planta bem resolvida para o fim a que se destina, que as imposições da physica e da hygiene sejam satisfeitas, que o orçamento corresponda ao programma. Além de todos estes requisitos, para bem merecer o nome de architectura, ella deve, por outros elementos affectar a sensibilidade e a intelligencia, ser a imagem da vida e da belleza.*" Por meio deste arcabouço teórico, Murgel resolvia os problemas relacionados com a inserção dos edificios na cidade, sob o ponto de vista da composição arquitetônica, cujos princípios eram extraídos da leitura de teóricos como Choisy, Beltcher e Guadet. A aplicação destas idéias se fazia por meio de grandes composições que estavam vinculadas diretamente às questões de urbanismo. Sobre estas últimas, Murgel não demonstrava as suas inquietações, deixando subentendido que os problemas da cidade dependeriam da elaboração bem fundamentada dos conjuntos arquitetônicos. A questão principal para Murgel era de natureza estética, sustentada pelo emprego correto da técnica e dos materiais.

Para Murgel (1940) várias eram as imposições ao trabalho do arquiteto, desde aquelas relacionadas com os próprios clientes,

passando pelos “...regulamentos obsoletos e estravagantes das Prefeituras (legislar sobre estetica!), a intervenção manual dos obreiros deturpam enormemente nossa obra.” Dentre as atribuições dos arquitetos se colocavam os problemas relativos à construção de cidades, afinal “...o architecto é também um urbanista, porque, na verdade, o urbanismo não é outra coisa senão uma especialização technica da profissão do architecto.” As intervenções sobre as cidades deveriam considerar os atributos estéticos em primeiro plano. Por esta via, Murgel se alinhava com as tendências modernas visando a renovação da arquitetura e da cidade estampada nos projetos de Gregori Warchavchik em São Paulo, cujo manifesto publicado ainda em 1925 com o título *Acerca da Arquitetura Moderna*, já antecipava os princípios da nova arquitetura. Além de Warchavchik, arquitetos como Flávio de Carvalho, consideravam que as inovações viriam através de soluções racionais para as cidades. Como referencial para esta arquitetura nova, a ação de um “...pequeno grupo de architectos que appareceram primeiramente na Europa e na America do Norte e, depois nas outras partes do mundo, (que) faz o possivel para tirar a architectura do ponto morto... Tratam de substituir os processos antiquados pela organização industrial contemporanea e encontrar novas e sólidas bases para o seu trabalho.” (CONSTANTINOWSKY citado por ABREU, 1930) Walter Gropius e Hermann Muthesius; se enquadravam neste grupo. Posteriormente, Murgel se distanciaria destes referenciais, por considerar que a arquitetura funcional atrelada a estes conceitos não atenderia aos seus ideais artísticos.

No Rio de Janeiro, as incumbências de Murgel junto ao Ministério da Agricultura o levariam a desenvolver o conceito de arquitetura rural, que será aplicado em vários de seus projetos. As propostas buscavam uma adaptação às circunstâncias locais, tendo em vista as imposições da natureza, pelo uso de tecnologias e materiais disponíveis na região. Os planos para o campus da Universidade Rural e para as sedes dos Parques Nacionais revelavam a aplicação deste conceito em escalas diferenciadas (Figura 40). Desde a inserção dos conjuntos arquitetônicos nos sítios de implantação,

considerando os seus componentes mais gerais ligados ao sistema viário e infraestruturas, até a concepção das edificações em particular, tendo em vista os partidos e os sistemas construtivos adotados. No entanto, a utilização dos princípios relacionados com a arquitetura rural não dispensavam o emprego de tecnologias avançadas, como o uso do concreto armado e a especificação de materiais produzidos pela indústria da construção civil.

Para a Universidade Rural, Murgel definiu uma inserção monumental para os blocos da reitoria e das faculdades na área do campus. (Figuras 41 e 42) No agenciamento geral do conjunto, atravessado pela rodovia, os blocos institucionais foram dispersos de maneira simétrica pela área do campus. Parte do setor residencial foi disposto segundo um desenho adaptado à topografia com intensa arborização revelando, mais uma vez, a sua opção pelo traçado de bairro-jardim. Ainda foram projetados equipamentos como escola, clube esportivo e praças para atender aos funcionários e aos trabalhadores. As vias foram pavimentadas e tratadas com ajardinamentos, tendo sido providenciados outros serviços de infraestrutura, como o abastecimento de água e a captação de esgotos.

Para os Parques Nacionais, como ressaltado anteriormente, Murgel aplicaria o conceito de arquitetura rural com maior rigor, buscando um sistema antiurbano para a composição destes conjuntos. O que importava era a o maior predomínio possível da natureza em relação ao urbanizado. Assim foram pensados os parques nacionais do Itatiaia, do Iguaçu e da Serra dos Órgãos. A experiência norte-americana na implantação de parques era do conhecimento de Murgel que ressaltava o pioneirismo e a amplitude das realizações nos Estados Unidos. Os parques norte-americanos eram definidos por meio de planos gerais *'master plans'* elaborados por equipes multidisciplinares. No caso brasileiro Murgel, coordenava os trabalhos integrando comissões técnicas o que era o mais adequado, em vista da escala dos problemas a enfrentar, ressaltando ainda que *"...nunca será demasiado insistir na absoluta necessidade do estabelecimento prévio de um plano diretor completo para a formação de qualquer parque nacional antes de se iniciarem as respectivas obras."* O programa para os parques envolvia museus,



Figura 40. Vista do pavilhão 1 previsto para a instalação da Escola Nacional de Agronomia, hoje abrigando a reitoria da UFRRJ. Fonte: Registro fotográfico feito por Raquel Portes em 2002.



Figuras 41 e 42. Vista dos pavilhões 2 e 3 previsto para a instalação da Escola Nacional de Agronomia, hoje abrigando cursos de graduação da UFRRJ. Fonte: Registro fotográfico feito por Raquel Portes em 2002.

centros de visitantes, núcleos de pesquisa, residências de técnicos e diretores, bem como abrigos e alojamentos, além de moradias para trabalhadores. Os blocos edificadas, dispersos pelas áreas dos parques, tiravam partido de uma linguagem neocolonial interligados por um sistema viário adaptado às imposições da topografia e ambiente natural (Figuras 43, 44, 45 e 46).

A modernidade defendida por este arquiteto se conjugaria com um forte apelo à tradição. Em ambos os casos o apelo à linguagem neocolonial se evidenciava nos componentes empregados para a definição dos partidos arquitetônicos das edificações. De um lado buscando alicerçar a identidade destas propostas nas raízes brasileiras, por meio da reificação do seu passado colonial; de outro lado, com a intenção de marcar a importância destas realizações, através de composições caracterizadas pelo seu aspecto monumental. Com relação à concepção urbanística podem ser feitas distinções, tendo em vista que, no caso da sede do PNI, era evidente a necessidade da predominância do natural em relação ao construído, pelo próprio conceito atrelado ao parque. Em ambos os casos ressalta-se o aspecto monumental das proposições, mesmo com soluções que refletem a intenção de tirar partido da dispersão do construído em meio ao verde. Aqui se colocava a ressonância do ideário *garden city* presente em outras propostas desenvolvidas por Murgel, na qual o sítio de implantação era trabalhado como um imenso jardim.

Por fim, esta recorrência à história através da trajetória do arquiteto Ângelo Murgel, com especial interesse pelos planos para o campus da UFRRJ e para a sede do PNI, propiciou uma reflexão sobre o papel dos arquitetos na atualidade. Questões vivenciadas ao longo de uma vasta experiência profissional, como a que foi apresentada, servem como referenciais para as intervenções nos dias atuais. O que se buscou aqui foi o entendimento com maior rigor destes referenciais. Esta compreensão possibilita uma melhor fundamentação para as intervenções sobre as cidades e a natureza. O passado se projeta no presente. A agência de Murgel permanece em aberto, na memória e na conservação do que foi idealizado e realizado por este arquiteto e urbanista. Que estas lembranças, como anunciado na introdução deste trabalho, contribuam para o porvir e sensibilizem as gerações futuras, na preservação destes conjuntos edificadas e do seu ambiente natural.



Figuras 43 e 44. Vista do edifício-sede do Parque Nacional do Itatiaia, atualmente constituindo o centro de visitantes do PNI. Fonte: Registro fotográfico feito por Raquel Portes em 2002.



Figuras 45 e 46. Vista de um dos acessos no interior do Parque Nacional do Itatiaia e aspecto da casa do administrador, função desempenhada atualmente pelo chefe do PNL, o prof. Léo Nascimento. Fonte: Registro fotográfico feito por Raquel Portes em 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, J.R. **Anuário da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil**. Rio de Janeiro. v.4, n.4, 1961, 386p.
2. ABREU, J. C. G. **Relatório dos sucessos mais importantes. Relatório dos sucessos mais importantes**. In: CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ARCHITETURA, 4. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1930.
3. ANDRADE, C.R.M. de. **A peste e o plano: o urbanismo sanitário do Engenheiro Saturnino de Brito**. São Paulo: FAU/USP, 1992. 281p. (dissertação de mestrado)
4. _____. **Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. São Paulo: FAU/USP, 1998. 486p. (tese de doutorado).
5. BARROS, W.D. de. **Parque Nacional do Itatiaia**. Rio de Janeiro: SAI, 1955.
6. BRANDÃO, C. A. L. et al. **Arquitetura Vertical**. Belo Horizonte: APCultural, 1992.
7. BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 289p.
8. CASTRIOTA, L.B. **A arquitetura da modernidade**. Belo Horizonte:UFMG, 1998. 309p.
9. COSTA, F. **O Ministério da Agricultura no primeiro decênio governamental do Presidente Vargas: conferência**. Rio de Janeiro:DIP, 1940. 86p.
10. DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE CONSTRUTORES E ARTISTAS DE BELO HORIZONTE: 1840-1940. Belo Horizonte:IEPHA/MG, 1997.
11. HOWARD, E. **Garden cities of to-morrow**. London: Faber, 1945. 168p.
12. IRIGOYEN, A. **Wright e Artigas: duas viagens**. São Paulo: Ateliê, 2002. 204p.
13. KESSEL, C. **A vitrine o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, 2001. 125p.
14. LEME, M.C. da S. **Urbanismo no Brasil: 1895-1965**. São Paulo: Nobel, 1999. 600p.
15. MATTOS, J.S. de. **Comissão Técnica Consultiva da Cidade de Belo Horizonte: finalidades, vantagens, eficiência, organização**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do estado, 1935. 4p.

16. MURGEL, A. A. **Análise do Belo.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1962. 122p. (tese apresentada ao concurso para provimento da cadeira de grandes composições da arquitetura)
17. _____, **Arquitetura. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 11 de março de 1933. p.6.
18. _____, **Arquitetura 2: composição. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 17 de março de 1933. p.4.
19. _____, **Arquitetura 3: a forma e o tempo. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 25 de março de 1933. p.5.
20. _____, **Arquitetura 4: a forma e o meio. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 01 de abril de 1933. p.4.
21. _____, **Arquitetura 5. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 13 de abril de 1933. p.5.
22. _____, **Arquitetura. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 27 de abril de 1933. p.5.
23. _____, **Arquitetura. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 17 de maio de 1933. p.5.
24. _____, **Arquitetura: dois dias. Estado de Minas.** Belo Horizonte, 25 de julho de 1933. p. 5.
25. _____, **Arquitetura. Arquitetura e Urbanismo.** v.4, n.5, jan/fev., 1939. p. 373-375.
26. _____, **Arquitetura Rural. Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro. v.4, n. 5, set/out., 1939. P. 607-611.
27. _____, **A Casa Rural Brasileira.** In: CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 2. São Vicente (SP), 1952. p. 25-30.
28. _____, **A expansão suburbana de Belo Horizonte e os problemas que ella decorrem: a necessidade de criação de uma Comissão de Urbanismo, na Prefeitura da capital.** **Estado de Minas.** Belo Horizonte, /s.d/.
29. _____, **Grandes composições de arquitetura.** Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1952. (tese apresentada ao concurso de livre docente da Universidade do Brasil).
30. _____, **Concurso de geo máximo: um edificio destinado aos Correios Gernas e Telegraphos do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro. 1932
31. _____, **O grandioso plano de construção da Cidade das Meninas.** **O Globo.** Rio de Janeiro [s.d.].

32. _____ . O mais alto edifício de Minas. **Diário da tarde**. Belo Horizonte, /s.d/.
33. _____ . Obras de construção do Parques Nacionais. **Arquitetura e Engenharia**. 1944. P. 134-135. (suplemento técnico).
34. _____ . **Parques Nacionais**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 27p.
35. _____ : A profissão do arquiteto: considerações sobre sua legislação. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro. mar/abril, 1940. p.97-101.
36. _____ . Projecto da Cidade Operária de Monlevade. **Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal**. Rio de Janeiro. v.4, n.5, jan/fev., 1936.
37. MURGEL, A. et al. As finanças do architecto. **O observador Econômico e financeiro**. V.2, n. 16, 1939.
38. NOGUEIRA, A . P. Projeto moderno e cidade real: habitação social no Brasil dos anos 30. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 5. **Anais...** Campinas, 1998.
39. OUTTES, J. Personne n'est prophète que dans son pays. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DAS ORIGENS DAS POLÍTICAS URBANAS NA AMÉRICA LATINA. Rio de Janeiro: UFJF, 1994.
40. PADILHA, N. **Cidade e Urbanismo: história, teorias e práticas**. Salvador: FAUFBa, 1998. 379p.
41. SALGUEIRO, H.A .S. **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transfer-encia de modelos**. São Paulo: USP, 2001. 181p.
42. _____ . **Engenheiro Araão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997. 288p.
43. SANTOS, P.F. **Quatro séculos de arquitetura**. Vassouras, 1977. 138p.
44. SOARES, E. da V. **Obra do Ministério da Agricultura no Município de Itaguaí, Distrito de Seropédica**. Rio de Janeiro: 1953.
45. TAFURI, M. **Teorias e histórias da arquitetura**. Lisboa: Presença, 1979. 291p.
46. _____ . **Projecto e Utopia: arquitetura e desenvolvimento do capitalismo**. Lisboa: Presença, 1985. 122p.

Boletim do Parque Nacional do Itatiaia - RJ

n. 11 - set. - 2003

Tradição e modernidade no percurso do arquiteto
Ângelo Murgel: Parque Nacional do Itatiaia e
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
dois projetos urbanísticos

Fábio José Martins de Lima

Conteúdo

Apresentação	5
Palavras do Diretor do Parna/Itatiaia/RJ	7
Palavras do Editor	9
Resumo	12
Abstract	12
Introdução	13
Tradição e modernidade no percurso do arquiteto Ângelo Murgel	18
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.....	39
Parque Nacional do Itatiaia.....	55
Referências bibliográficas.....	80